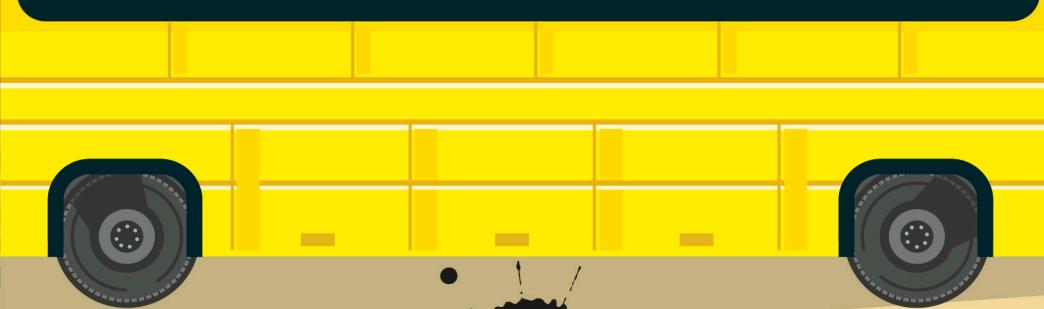


SÉRGIO FANTINI



Incluindo a novela "Diz Xis"

suas



Jovens
escribas



silas

SÉRGIO FANTINI

Jovens
escribas

© 2011 Sérgio Fantini

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação
pode ser reproduzida, arquivada
ou transmitida de nenhuma forma
ou por nenhum meio sem permissão
expressa e por escrito da autor.

Contato:
sergofantini@gmail.com
www.jovensescribas.com.br

Capa e Projeto Gráfico:
Comitê Criativo
Danilo Medeiros
Leandro Menezes

Ilustração da Capa:
Maurício Fontenele

Foto do autor:
Carmem Mattos, BH, 1991

Catalogação da Publicação na Fonte: Biblioteca Pública Estadual Câmara Cascudo

F216s Fantini, Sérgio
Silas / Sérgio Fantini. -- 1 ed. --
Natal (RN): Jovens Escribas, 2011.
128 p.

1. Conto brasileiro. 1. Título.

2011/03

CDU B869.3
CDU 869.0(81)-3

SÉRGIO FANTINI



Sihas



E o que é a biografia de um escritor, no fim das contas, senão a história das transformações do estilo dele? Que mais, fora essas modulações, poderia se encontrar no final desse trajeto? (...) Todos nós inventamos várias histórias (que no fundo são sempre a mesma) para imaginar que nos aconteceu alguma coisa na vida. Uma história ou uma série de histórias inventadas que no fim é o que realmente vivemos. Histórias que a gente se conta para imaginar que tem experiências ou que nos aconteceu alguma coisa que na vida tem sentido.

Ricardo Piglia, *in Respiracion artificial*
Tradução de Ernani Ssó

Ao professor
Albanito Vaz Júnior

História do conto

9

Em 1986, tive dois textos publicados na antologia *Contos Jovens*, da editora Brasiliense: *Belo Horizonte, 21 de agosto de 1986* e *Por que me tornei estuprador*. O primeiro era a carta de uma mãe ao editor explicando que seu filho, Alberto Fonseca Júnior, havia fugido de casa. Ela lhe contava que achara envelopes já destinados àquele concurso e implorava: “E se o senhor puder colocar o nome dele no livro, talvez o ajude a voltar para casa, se é que ele fugiu de nós; ou então ressuscitá-lo, se ele houver partido para junto de Deus.”

As pessoas, na editora, acreditaram que o conto era uma carta real, que existia mesmo uma mãe desesperada e divulgaram, na relação de vencedores, o “autor” Alberto Fonseca Júnior.

Em 1991, lancei a novela *Diz Xis⁽¹⁾*, com o personagem Silas.

No livro *A ponto de explodir*, de 2008, há um conto chamado *Silas, velho*.

Em 2011, *Diz Xis* completa 20 anos, e seu autor, 50.

Ao notar isso⁽²⁾, me dei conta de que aquele personagem de 1986 já era o Silas, e por isso decidi lhe dar uma biografia, incluindo o inédito *Silas, 30 do 2º tempo*.

Acrescentar um título, aos que já publiquei, não faria sentido se não me motivasse a realizar, também, uma divertida revisão dos textos, da Literatura e da vida.

Foi o que fiz.

(1): Em 2000, Sebastião Nunes reeditou a novela, junto a *Suite Bar e Rugas*, em *Materiaes* (Dubolso).

(2): Grazie, Rique.

- 13 Belo Horizonte, 21 de agosto de 1986
- 21 Por que me tornei estuprador (*Alberto Fonseca Júnior*)
- 27 Diz Xis
- 85 Silas, 30 do 2º tempo
- 95 Silas, velho
- 119 Um homem comum (*Francisco de Moraes Mendes*)



**Belo
Horizonte,
21 de agosto
de 1986**

Senhor Editor do Concurso “Contos Jovens”

Só estou lhe escrevendo estas mal traçadas linhas porque tenho um complexo de culpa muito grande em relação ao Silas: nunca reconheci que ele fosse escritor. Mesmo quando seu nome saiu no jornal aqui da cidade – e foi só uma vez, quando ele declamou um poema do Dia dos Pais, no clube – eu não dei importância. Achei que era coisa passageira, que só tinha feito aquele. Aliás, ele não fazia muita coisa mesmo...

Foi expulso do SENAI acusado de roubar uma ferramenta da marcenaria. Ele nunca faria isso, eu tenho certeza. E guardei essa certeza comigo até que um colega dele me contou que foi outro menino que roubou a maldita peça. Um menino, imagine só, de boa família, gente-bem. O senhor deve regular idade comigo e deve concordar que essa juventude está meio perdida, não é mesmo? Meio não, muito. É a tal da maconha, o cigarro, eles ficam bebendo o tempo todo... O Silas não bebe todo dia porque, graças a Deus, não puxou ao pai. Bebia, sim, mas só no fim de semana, e nunca chegava bêbado em casa: trazia algumas cervejas e depois dormia sossegado, sem incomodar ninguém.

Incomodar os outros é uma coisa que ele nunca fez. Pelo contrário, ficava quieto no canto, lendo, pensando na vida. Foi uma dessas moças que tirou o sossego do Silazinho, porque ele saía pouco e não tinha muitos amigos. Aliás, acho que amigos de verdade ele não tinha nenhum.

Uma vez, depois do frango de domingo – a gente sempre come frango aos domingos, não é mesmo?, aqui então é quase uma tradição, parece, todo mundo almoça frango domingo, uma praga – num domingo desses, ele ia saindo da mesa sem pedir licença e eu disse: “Você não tem educação?” Ele me encarou e sabe o que fez? Deu um arroto! Foi aquele mal estar. O padrinho dele não sabia onde pôr a cara, uma vizinha nossa que é mais pobrezinha e almoça sempre aqui de vez em quando, todo mundo ficou horrorizado. Ele não era assim.

Só pode ter sido a moça que virou a cabeça dele, só pode.

O senhor tem filhos, Sr. Editor? Se tem, entende porque eu fiquei tão chateada.

Bem, mas eu acho que tenho de explicar uma coisa pro senhor. Além de ter sido expulso do SENAI – não por culpa dele, apesar dele ter assumido a culpa na época – ele também nunca conseguiu parar num emprego. Por exemplo, no mercado dos Araújo. Ele fazia os embrulhos, carregava as sacolas. Ganhava pouco, mas era um emprego honesto, que o pai dele conseguiu, porque com a fama de ladrão, já viu, né? E o danado não parou nem três meses lá. Por quê, até hoje eu não sei. O Araújo Velho disse pra

essa vizinha – uma dona muito humilde, pobre, mas muito boazinha, sabe?, é a benzedeira do bairro – ele disse que o Silas era muito avoado, trocava as mercadorias, fazia uma confusão danada. Acho que deve ser verdade, porque eu também sempre achei ele meio desligado, igual ao pai, que também nunca decorou os corinhos da igreja.

17

O senhor, que mexe com livros, essas coisas, deve saber melhor que eu. Os meninos ficam lendo, não que seja boba-gem, deve ter muita coisa boa por aí, eu acho, mas eles ficam sonhando, começam a falar coisas estranhas, como se vivessem em outro planeta. Deus me livre! Além disso, eles ficam conversando pelos cantos, discutindo como se fossem adultos, sérios, com um objetivo na vida. E tem também as tais...

Eu sempre sonhei ver o Silas casado com uma moça direita, educada, que me desse netos, mas parece que uma dessas “liberadas”, que eles chamam de “galinha”, chegou antes. O senhor me desculpe falar assim, mas é como nós chamamos essas que cada dia estão com um rapaz diferente. E logo o Silas, meu filhotinho... Com tanta moça bonita e elegante no nosso clube...

Mas ele nunca deu importância para elas, essa é que é a verdade. Sempre saía mais cedo do baile e ficava com aquele ar sonhador, do lado de fora, pensativo que só. Não é que eu seja mãe coruja que fica vigiando, mas era tão estranho ele ali, encostado no muro da escola, fumando, mãos nos bolsos, como quem não quer nada... Parecia até um artista de cinema ou um escritor de verdade. Sempre solitário, meu Silinha.

Eu sabia que era passageiro, coisa da adolescência, o senhor sabe, fase de dúvidas e descobertas, não é mesmo?

Mas estou desviando do assunto da mocinha, rodeando demais. Era uma dessas que parecem que nem tem família, dá dó só de olhar. Cada dia um rapaz diferente, nos bares e sabe Deus onde mais e fazendo o quê... Eles começaram a andar juntos. Essa tinha um ar estranho, um jeito de assassina que vai fazer um treco a qualquer hora. Me diziam que era coisa da minha cabeça, que a moça até era simpática. Coração de mãe não se engana, mas eu não quis interferir, deixei o barco correr. Afinal, os homens têm que ter uma experiência antes do casamento, se é que o senhor me entende...

O que acontece é que semana passada finalmente eu resolvi mexer nas coisas dele, nas gavetas, nas roupas que eu nem olhei desde... Tranquei a porta do quarto desde...

Silas é um menino bom, apesar de meio esquisito, e onde quer que esteja Deus deve estar olhando por ele. E foi procurando alguma pista nos seus guardados que descobri esses regulamentos de concursos e várias folhas datilografadas.

A moça assassina também sumiu. Tem gente dizendo que eles fugiram juntos. Que bobagem! Vê se meu Silas precisava fugir para algum lugar. E fugir de quê? Não acredito mesmo. O sargento Militão, que é meio parentado, ficou de dar notícia amanhã. Eu só posso fazer esperar, esperar com calma e resignação e esperança. Enquanto isso, vou lendo as histórias que ele escreveu.

Antes de me despedir, gostaria de explicar porque estou mandando esta carta justo para o senhor, Sr. Editor. É que na pasta onde estavam os contos dele, havia este envelope endereçado para o seu concurso, do jeito que estou enviando agora, com a letra dele mesmo. E eu pensei que se o conto dele não for aprovado pela comissão julgadora, quem sabe o senhor não colocava o nome dele no livro porque assim talvez ele voltasse para casa?

O conto que ele escreveu para o seu concurso é este que segue em anexo, *Por que me tornei estuprador.*

Atenciosamente,
Afonsina G. Fonseca



Por que me tornei estuprador

“Alberto Fonseca Júnior”

O bar, lógico. Como todo dia, após o serviço. Programinha insípido de burguês. O que talvez não estivesse tão longe do que eu era. Típico barnabé provinciano esperando a lua terminar seu passeio. Suportar piadas contadas por bêbados estúpidos. Gastar meus olhos com mulheres horríveis. E nunca entender o que aquela esquina viu naquele bar. Contudo, o único lazer possível para um cara impassível como eu.

Empreguinho frouxo no setor de obras da prefeitura. Desenhista copista. Nível 2. É o que se lia no meu cartão de ponto. Coitado, me suportou por pouco tempo. Salário quase mínimo, o suficiente para frequentar o pior bar da cidade.

Cidadezinha, aliás, muito modesta. Uns quinze mil habitantes, o menor FPM da região. Só não era favela por falta de zinco. Ou porque dali até urubu queria distância.

O bar, de novo. Diariamente, após as seis. Sozinho. Sorumbático. Sofrível, tentando entrar em sintonia com as histórias do homem atrás do balcão. Munição parca para quem não queria sucumbir de tédio. O pai que encorreu missa pelo hímen perdido da filha. Coisas assim. O delegado coçando o saco na porta da cadeia. Uma imagem digna do lugar. Imagine.

Meu quarto, quando conseguia chegar. Um parede-meia num lugar que chamavam de vila. Eufemismo. Era um cortiço. Foi construído pelo fundador da cidade para abrigar suas amantes. História. Às vezes dormia lá, mas mais comum era apagar no pátio da escola pública. Muito calor, a casa distante, o fígado reclamando durante a caminhada longa pela madrugada.

24

Lia sempre o jornal do farmacêutico. Homem culto, ia à capital duas vezes por ano. De carro próprio. Dava notícias fantásticas da civilização. Rodava num mimeógrafo a tinta. O povo gostava.

Povinho de merda. Consumia feliz a pior cachaça que já bebi. Fazia coisas simplórias: as meninas sonhavam estupros e os meninos se masturbavam pelos cantos. Os pais procuravam emprego e as mães pariam. A explosão demográfica ameaçava enriquecer o açougueiro local.

A zona, não podia faltar. Um casebre verde. Luz vermelha atrás do basculante quebrado. Bem típico. Três, quatro mulheres quase velhas. Marcas de varíola, dentes esquecidos. Raramente, carne nova. Era uma festa, quando chegava – durante duas semanas. Logo se cansava e deixava espaço para as putas velhas. Eu ia aos sábados, de tarde. O tira-gosto era ótimo, miúdo de galinha roubada do sítio do advogado. Um ladrão, pra variar. O dono do puteiro, uma bicha. Escrota e esquelética, como os sonhos que a gente alimentava naquela época. Alimentava mal, diga-se, com torresmo seco e cerveja gelada. Um ponto a favor daqueles dias. Apesar do calor constante, as gelas

deiras não falhavam. Nunca. Como a certeza de um fato insólito por semana. Por baixo.

Noite, mais uma. No bar, evidentemente. Primeiro ela: nem feia nem horrorosa. Apenas tinha vindo da roça com duas filhas na barriga que agora andavam pra cima e pra baixo chupando dedo. Oxigenada, seria um sucesso no baile, se lá tivesse um clube. Enfim, apenas um corpo que poderia esconder algum prazer sob o constante vestido azul. Olhou, sentou, pediu um copo. O copo ficou parado à sua frente, inútil. Olhou pra minha garrafa, pro copo. Códigos secretos. Resolvi arriscar.

O papo não era dos melhores, mas dava pra distrair o calor e o silêncio de uma segunda-feira insípida.

Agora ele: poeta típico de província. Duro, inconveniente, poético. Contou duas piadas sem pedir licença. Putz, a velha choradeira. O que aconteceu com os trens dessa terra? Não matam mais ninguém? Diziam que era filho de um fazendeiro muito rico. Ovelha negra da família, a melhor suspeita da sociedade. Havia uma. Apesar de tudo, única companhia que eu suportava: “vão tomá mais uma?”, “podecrê, bicho”. Era excitante.

Ficamos ali os três, mais o dono do bar. Ninguém passando pela rua, ninguém passando por lugar algum, por nenhuma rua, nenhum casal na praça. Uma segunda historicamente tenebrosa. O poeta falando sem parar, taquara rachada. Eu e ela bebendo sem parar, bastante excitados com a possibilidade de uma trepada. Nossas mãos sob a mesa, nossos joelhos se tocando, a coisa ficando alta no

baixo ventre, a gente olhando pro cara através das garrafas sem entender mais nada, o desejo de matá-lo e comê-la ali no chão do bar mesmo acabar com aquela mulher, a impossibilidade de tudo, de coordenar meus pensamentos e saber o que aconteceu depois.



Diz xis

“Talvez no mês que vem
já não a ame. Tenho passado
por isso, se é que durou tanto.
E então? Então pensarei que
banquei o idiota.”

Dashiell Hammett

Foi bom não ter dormido na rua. Foi bom não ter encarado toda aquela chuva. Foi bom nem ter corrido o risco de ficar doente numa noite de sábado. Foi bom ter alguém por perto quando já não podia mais tomar conta de mim. Alguém que me protegeu de mim bêbado. Alguém que chegou a me levar para sua própria casa numa madrugada de verão.

Fevereiro, domingo de Carnaval: ganhei uma amiga na loteria dos desencontros? Ainda é cedo para responder. Acordei sozinho na cama de casal de um quarto estranho. “G” não estava na casa, mas o bilhete continuava na porta. Ela fez um sanduíche, requentou o café e não escreveu mais bilhetes. Achei que seria forçar a barra aceitar o convite para o almoço.

Manhã fresca, úmida, poças espalhadas pelo asfalto, pouco sol brilhando os gramados. Carros mortos, monumentos de lata. Um cachorro dormindo na calçada. Ninguém nas ruas. Um conjunto habitacional cercado por morros verdes e próximos. Há somente uma estradinha para a cidade. É por ela que sigo agora.

Acordei tossindo – o rosto colado ao asfalto, de longe vindo os dois faróis que se aproximavam e cresciam com meu medo até iluminarem a paisagem deserta e eu poder ver apenas o clarão avançando sobre mim sobre mim sobre mim, o ronco do motor me acordando – tossindo e aborrecido com o filme do meu pesadelo predileto.

Meu peito doía. Um espinho arranhava a garganta. Pigarreei com força, já prevendo o nojo. Nada aconteceu com o estômago, como se ele não estivesse lá, o que me pareceu pior que o possível vômito. Os olhos prometiam arder, se eu ousasse abri-los.

Tentei levantar, de uma só vez, o que sobrou de mim. Um erro primário. Quem já passou por duas ressacas assim sabe disso. A cabeça girou como se tivesse se destravado. Fraquejei de novo e só aí percebi que tinha dormido no chão, em algum chão.

Com cuidado abri os olhos. Arderam e não me disseram nada, porque estava escuro. Recobrei o que foi possível de minha dignidade e decidi explorar o local. Se eu estivesse em casa, logo encontraria meu cão. Se não, poderia ser um cadáver, a grade de uma cela.

Havia apenas um sofá à minha esquerda. Quando me

apoiei sobre ele, checando a firmeza das pernas, ouvi uma voz *enfia o dedo, vai, enfia o dedo...* Eu, na mesma posição, de quatro, as pernas abertas, bambo, as mãos tocando... uma descarga! as mãos trêmulas e a pessoa... quem era? me sussurrando *enfia os dois dedos* – era uma mulher! minha cabeça batia na parede e ela tentava – quem era? evitar que eu me machucasse.

Desabei no sofá: revistas e outros objetos não identificáveis. Eu tinha de acender a luz e descobrir que lugar era aquele. Havia uma porta, uma janela de vidros coloridos e um corredor. Me levantei com cuidado e tropecei em algo que podia ser meu tênis. Pisando leve, braços estendidos, toquei a parede.

A mulher... o que poderia ter acontecido antes?

Achei o interruptor. Um fio saía do teto e terminava em um abajur de lata verde e lâmpada amarela. Além do sofá e do caixote sob a luz, uma mesa redonda. Um pano xadrez cobrindo alguma coisa. O lugar era uma sala, parecia limpa e honesta e eu tinha dormido nela.

A mulher... uma festa. De aniversário? Nós conversamos, bebemos... Chegamos a nos beijar?

Senti sede, a garganta arranhava, agora o estômago queimava. Ao lado do pano xadrez, uma garrafa térmica, um pedaço de pão e uma jarra com suco de laranja. Tomei

um pouco, repondo a glicose. Senti um calafrio bom e vontade de mijar e tive certeza que estava vivo.

Eu tinha sobrevivido novamente.

Devia ter um banheiro no corredor. Parei à porta e lancei minhas antenas. Lá fora chovia forte. Acendi a luz. Quadros nas paredes e mais duas portas. A aberta era do banheiro. Sentei no vaso. Tudo limpo: o box, o cesto de papéis, a pia e o piso. Tive uma inesperada ereção.

32

Ela dançava e sorria pra mim. Eu tentei beijá-la, mas ela me levou para o banheiro e só falava em café forte... *é só enfiar o dedo que melhora...* e eu resmungava *acabar com isso, tô podre* e ela *não se preocupe, eu vou te levar embora...*

Que roubada! Então, além do vexame, ainda fui carregado para a casa... dela? Apaguei as luzes e voltei para a sala. Calcei o tênis, me recompus mentalmente, até onde foi possível, e vi um bilhete pendurado na porta. Bilhete? “Silas, eu volto logo, fique para o almoço. G.” G.... G.... G o quê?

Abri a porta na esperança de identificar a rua. Não consegui, chovia muito mesmo, podia estar em qualquer parte da cidade, ou até fora dela. Mas tinha uma cozinha com pequenos armários de madeira e eu me senti convidado. Foi o segundo erro. Tranquei de novo a porta, tirei o tênis e a calça, apaguei a luz da sala e tentei me lembrar de mais alguma coisa da noite anterior, sentado no sofá. O sono voltou. Tirei a camisa e voltei vagarosamente para

o corredor. Abri a segunda porta sem saber se era isso que eu queria. Penetrei num ambiente morno e esperei. Havia uma mulher ali, eu sentia a respiração, o cheiro, percebia as formas sob as cobertas. Tirei a cueca e me deitei também. Abracei por trás um corpo macio. Com a mão esquerda agarrei meu saco e escorreguei a direita sobre sua coxa, nós dois de lado, coladinhos, ela desmaiada; protegidos, a enxurrada morrendo lá fora... Através dos vidros coloridos da janela, a noite dando uma chance ao dia.

Caminhando devagar, ainda me recompondo. O tênis úmido, a calça e a camisa amarrrotadas, o cabelo amassado. Ir para casa agora não seria a melhor opção. Lá não tem nada para se comer. Nem ninguém. Preciso me reabastecer urgentemente. Meia dúzia de homens mal travestidos passa por mim. Uma delas, véu e barba, oferece um bico no litro de batida. Recuso com meio sorriso. Ainda é cedo para envenenar a máquina.

A igreja começa a despejar fiéis na praça. Pela altura do sol, essas pessoas estão saindo da missa das nove. Algumas olham para os blocos com desprezo, altivez. Não conseguem entender como alguém pode estar bêbado, fantasiado e feliz a esta hora. Mas a maioria do rebanho não pensa em nada nem olha: está com pressa de chegar em casa e ligar a TV. Ou trocar a fantasia de missa pela de carnaval e encher a cara. É carnaval e nem mesmo o severo padre Arthur consegue, com seus ameaçadores sermões, conter a euforia pagã desse povo.

A praça está movimentada: blocos e foliões solitários transitam entre os canteiros. A cruz de cimento em frente à Matriz foi enfeitada com uma peruca vermelha e uma bota de operário. Um táxi, de portas abertas, toca samba para

os fregueses do bar e também para quem circula num raio de trezentos metros. O circo já está quase armado. O clima sobe a temperatura da excitação geral.

Considerando que já estou mesmo no crime, que não tenho aonde ir, o ambiente propício e, finalmente, considerando o grande número de mulheres bonitas na área, vou tomar uma cerveja no Márcio.

O salão já está cheio demais. Alguns componentes da bateria de uma escola de samba congestionam as faixas disponíveis do espectro sonoro com um batuque demoníaco. Ainda ninguém subiu nas mesas, que estão abarrotadas de copos e garrafas. Todo mundo pulando e se esfregando. Sobre ombros suados que se espremem no balcão, pego uma cerveja com o Márcio. Ele olha desanimado tudo aquilo. O calor começa a incomodar o velho, o barulho, a agitação, a possibilidade de ficar sem mercadoria à noite. Protegendo meu tesouro contra o peito, acompanho seu caminhar cansado até a porta. Uma bolinha de papel, jogada lá de dentro, acerta sua careca. Ele se vira, *filhodaputa*, mas quase ninguém o ouve. Depois que se senta no degrau de entrada, eu o convido a me acompanhar. Um gato se aninha em seu colo. Ele recusa sem olhar pra mim e começa a acariciar o pelo sujo do animal.

Não há mais cadeiras, mas no estado em que me encontro sentar no chão não é nenhum pecado. É o que faço. E também dois garotos que vêm da praça. Bob, de pirata,

e o Pato, de saia e bustiê. Representam a nova geração de maconheiros da cidade. Há muitíssimo pouco tempo eram apenas moleques pescando piabas no rio sujo. Exatamente quando decidi largar a coisa, vieram me pedir aplicação, desajeitados, cabritos cambetas. Não apliquei, já estava em outra. Eles não sabiam, como de resto toda a província, ao contrário, felizmente, do sargento Militão. O tempo passou e eles conseguiram o que queriam com algum outro. Sem ressentimento. São, no matar das bias, bons garotos tentando um pouco de diversão. E não posso negar que se parecem bastante com o que eu era há alguns anos.

36

Eu via uns caras soturnos se escondendo nas sombras da noite, roupas escuras, muito estranhos, mal encarados. Nos bailes ficavam pelos cantos, rindo alto, bebendo muito e conversando só entre eles. Não dançavam, mas conheciam todas as músicas. Demorou, mas saquei: eles fumam maconha! Na mesma hora, cansado do excesso de cuidados de mamãe, decidi virar maconheiro. Um dia, tomei coragem e pedi ao mais novo deles, colega de escola, que me aplicasse. Ele me fez comprar um litro de vinho e à noite fomos beber escondidos no quintal do Sílvio. Eu não sabia que Sílvio também já fumava. Naquele sábado passei a fumar maconha e a beber vinho aos litros. Depois viriam o optalidon, o pan, o diazepan, o mandrix, o cogumelo puro e seu chá e muita, muita birita e cigarro e canções e conversa e energia jogadas fora nas alvoradas da Montanha. Mas só o álcool foi

competente para se manter comigo. O resto era ineficaz para meu tratamento.

37

A fisgada no fígado avisa que é hora de parar com as recordações sentimentais e providenciar mais uma. Antes de me levantar, Margô chega com um vinho. Senta no chão, ao meu lado, fechando a roda. Um bloco maior, bem produzido, fantasias iguais, invade a praça. O clima é de crime generalizado. Os três bares já estão lotados, inclusive a padaria que, no carnaval e nas eleições, se traveste em botequim. O açougueiro manco, barba postiça, previdente, baixa as portas. Dá dois passos e só aí alguém avisa que a gaiola ficou do lado de fora. Um esquecimento perigoso: com este sol, daqui a pouco teríamos canarinho a passarinho. Voltou puxando a perna. É o rei do mau humor.

Um outro grupo de mulheres para na rua, perto da gente, cantando, pulando e rodando um galão com um veneno qualquer. O que se descobre de soluções químicas nesta época é questão de segurança nacional e daria bem um Nobel. Em seguida, mais um bloco, fantasias marrons, que eu não convidei para minha festa, chega também. Dispersando delicadamente os foliões e sambando com a graça dos rinocerontes, vêm até nossa rodinha. Com sutileza, suspendem meus três amiguinhos pelos ombros. Solicitam deles a gentileza de mostrar documentos. É seu melhor show. Em seguida procuram tomar conhecimento do conteúdo de suas bolsas, bolsos e garrafas.

Nada encontrando que fosse de seu agrado, despedem-se
comovidos, recomendando felicitações a nossos familiares.
Pouco surpreso por não ter participado da brincadeira, me
distráio com a figura triste do velho Márcio, ainda sentado
na porta, cansado, alheio à zorra geral, acariciando seu
gato imundo. Margô acende uma pontinha e me oferece
um tapa.

O velho Márcio consegue se sentir sozinho. Em seu bar estão dezenas de jovens alegres. Domingo de carnaval no mundo, mas ele tem um nó no peito. A solidão na fumaça dos cigarros. A solidão na chapinha caindo no chão. Na torneira da pia pingando sobre copos e pratos sujos. Há solidão no volume da música. O velho Márcio poderá estar melhor amanhã, mas hoje, não. Foi num domingo assim que sua mulher se foi.

Eu conheço esse velho.

Acontece mesmo o mau humor. Não se interessa por ninguém. Acha que lhe basta a própria ruminação, assim, ranzinza. Se ao menos... Quando ficou só, faz tempo, avisaram: *Márcio, você tá muito velho pra ficar sozinho, arruma aí uma dona pra te ajudar.* Não, a besta, orgulhosa e romântica, resistiu. Agora, tarde demais, tem de aguentar o tranco. Se tivesse ouvido os amigos, não estaria assim, os olhos vidrados, o tempo e o cansaço tatuados no corpo.

Sentado no degrau, gente passando por ele, por cima, do lado, esbarrando; a cara, a cada minuto, mais fechada. Atiram coisas pelo ar, pedaços de carne mascada. Xinga, continua acariciando o seu único verdadeiro amigo. Estão juntos faz muito tempo, inseparáveis. Ele gostaria de ter

uma filha. Uma mocinha como a que vai ali, abraçada ao namorado, explodindo vitalidade. O casal se encosta num carro.

O velho fica melancólico nos domingos de carnaval e vai ficar sempre. Num desses, faz tempo, ficou viúvo. Hoje, já não sente tanto: o tempo ameniza as lembranças ruins. O movimento do bar o distrai. Observar fregueses é um passatempo agradável. Outro dia perguntou se eu não escreveria suas memórias, a história de seus antepassados.

A mocinha na praça ri tão alto que chama atenção. Ela está grudada ao rapaz. Reparando melhor, não é um rapaz, mas um senhor. Isso faz o velho se levantar indignado. Ela está quase deitada sobre ele, se esfregando. Parecem prestes a se meter um pelo outro. *Ah, ali vem o sargento Militão que, com certeza, vai dar fim a essa pouca vergonha... Mas o quê, pá? Passou ao largo e ainda sorri maliciosamente? Ah, se fosses minha filha, miúda, irias entrar no couro, resmunga para ninguém o velho Márcio.*

E aceito ou não aceito fumar unzinho agora? Ou está muito cedo pra essas coisas? Se estou com fome, meio bambo, carecendo de rango, desço já pro Rosário? É, vou pra lá, menos agite, liquidar essa ressaca, caminhar mais um tiquinho. Bob, Pato e Margô não vão por quê? Ah, esperam um bagulho. Vejo vocês depois, e vou só.

Vou e uma turista me aborda. Não avalio as possibilidades.

Por favor, onde fica a igreja Nossa Senhora do Rosário?

Oferecido: eu levo a senhora lá. É de São Paulo?

Esse sotaque... Seu nome, qual é?

Silas. E o seu?

Marília. Você é daqui?

Sou.

Esta praça, como se chama?

Do Sindicato dos Canavieiros.

O carnaval aqui é sempre assim tão animado? Simpática a sua cidade.

E vou contando histórias que a gente ouve a vida toda.

Às margens desse rio nasceu essa vila. Todas as igrejas estão voltadas pra ele.

Já prevendo certa intimidade com a coroa, vou pela rua, ela no passeio estreito, observando as pessoas, as pedras, sentindo a chegada poderosa do sol da tarde e o cheiro de terra molhada. Ela ri:

O teatro também deve estar fechado.

Com certeza. Esta é a rua Direita e... chegamos.

Quantas barracas, quanto movimento!

42

A paróquia também precisa faturar algum...

Foi muita gentileza me acompanhar. Posso pagar um refrigerante?

Obrigado, mas está na hora da minha cerveja.

Vamos sentar na escada da igreja?

Vai lá. Me dá o dinheiro aí, deixa que eu compro.

E conversamos um pouco, ela me conta que dá aulas particulares de piano, que passou a lua-de-mel em Ouro Preto e que gosta de fotografia. Pede pra tirar uma minha. Enquanto faço pose de modelo nativo, vejo vindo, atrás dela, sorrindo e olhando pra mim, outro belo pedaço de carne.

Oi.

Oi.

Oi.

Já se esqueceu de mim?

Meu Deus, mas por favor, nem pensar, estava aqui distraído, puxa,

Seca, cortando: por que você não me esperou lá em casa?

A outra, tentando ser educada: não vai me apresentar sua amiga?

Claro, claro, desculpem, essa é dona Marília, pianista de São Paulo. Ela vai dar um recital em Mariana e essa é – pronto, a eterna cena do sorriso aparvalhado. Como todas as pessoas se chamam?

Se antecipando: Gioconda, muito prazer.

Gioconda – isso! Gioconda salvou minha vida ontem.

Vai nos fazer companhia, Gioconda?

Obrigada, dona Marília, mas preciso visitar uma tia que adoeceu.

Precisa de alguma coisa?

Não, obrigada, fica com a sua cerveja.

Uma tentativa: você vai ao baile hoje?

Seca, cortando, de novo: *não sei. Prazer, dona Marília.*
O prazer foi meu.
E lá se vai ela.
Vai deixar ela sair assim, rapaz?
Assim como?
Ora, ela não veio aqui só pra me conhecer, tenha
paciência! GIOCONDA, anda, vai, ela está esperando, 44
anda!
Mas...
Não se preocupe. E obrigada pelo recital, DEPOIS
A GENTE SE ENCONTRA!

Gritos na sinfonia de barulhos, motivando o reinício
do papinho desmilinguido: *por que a coroa me gritou?*

Ela é doida. Aonde você vai com tanta pressa?

Visitar minha prima, acho que já falei isso hoje.

Coitada de sua tia.

Por que você não me esperou?

Ah, os corações abertos: *achei que já tinha te exploro-
rado demais.*

E por que não me acordou?

Pelo mesmo motivo, quem sabe?

Queria preparar um almoço especial pra você.

Seco, agora eu: samaritana demais.

*Gosto assim. Digamos que estivesse interessada,
digamos que gostei do seu texto na Gazeta. É melhor que
a média.*

Não é difícil ser o melhor, aqui, pelo menos.

Modéstia sua. Mas, sinceramente...

Olha, você foi muito legal ontem, fico te devendo.

Fique não, estou cobrando juros altos.

Uma cerveja amortiza a primeira prestação?

*Onde? Ela não consegue esconder o entusiasmo ao
perguntar.*

João Rosa.

Ah, mas eu tenho que esperar uns amigos no Pinguela.

Assunto encerrado. Ou melhor, iniciado:

Este bar já foi mais bem frequentado. Você lembra quando abriu? Parecia que afinal teríamos um lugar interessante aqui. Mas de uns três anos pra cá ficou popular demais, essa molecada mal saída das fraldas...

Mas domingo à noite é que é grave: até oito horas fica vazio. Aí, quando acaba a missa, enche e às dez já está vazio de novo.

Você vem sempre aqui?

Raramente. Vale mais como ponto de referência. Ultimamente tenho ficado no Márcio. Aliás, tem aparecido uma gangue interessante lá, o Inimigo, o Maniga, a Lua.

Conheço o Maniga.

Tem sempre alguém com uma viola, um charo... fora isso tenho ido no Turista, ou fico no Vicente mesmo. E você, quase nunca te vejo na noite...

Tenho vindo pouco. Pegar o ônibus das onze, lotado, desanima. E quando venho prefiro ficar no Ivan, ou ouvindo as fofocas na ratoeira do João Rosa. Não tenho muita paciência pra essa meninada.

Quantos anos você tem, garoto? – e a velha manha feminina, classe em insistir sem agredir, sai vitoriosa: abaixam-se as guardas.

*Eu sou mais novo que você.
Isso, infelizmente, está na cara.
Obrigado, vale outra cerveja.
O que você anda fazendo?
Atualmente, nada, pensando em procurar trabalho
fora daqui.
E continuar morando em Coronel?
Não, de jeito nenhum! Meu sonho é montar um bar-
raco pra mim, tipo o seu.
O negócio é sair daqui...
Pode escrever.
Sozinho?
Mais uma caipirinha, menina?
Minha grana já era.
Tudo bem, você paga sua parte de outro modo...
Como, por exemplo?
Assim...
Assim está bom?
Pode melhorar... esse cheiro de cigarro...
Vamos terminar isso lá em casa...
E seus amigos?
Mais tarde, depois do baile...*

49

Aquele cara tinha razão, só as mulheres podem ter provas de infidelidade. Para elas é só uma questão de abrir as pernas e gemer um pouco. Matemática: se um cara bebe 30 litros de álcool em 24 horas, quantos minutos ele vai gastar para subir seu negócio? E se 5 horas depois, mais 5 litros de álcool, ele quiser de novo, quantos joules... Não, não vai dar mesmo.

Se ao menos eu não tivesse trazido pra casa... Agora não posso simplesmente expulsar a dona.

Dar duas depois desse porre, não vou aguentar. Maldita cerveja! Se um homem toma 10 litros de álcool e samba 1/2 hora, e sua 1 litro, e gasta toda a saliva com beijos e cigarros, qual será o percentual de evaporação etílica...

Rum sem gelo – a que ponto chegaste, bucaneiro, rum puro! Daqui a pouco é a sarjeta, as roupas em farapos, os pés enrolados em molambos, tentando evitar o frio, um cachecol imundo, o chapéu enterrado nas orelhas, um capote remendado, as mãos rachadas, trêmulas, mal sustentando uma garrafa de cachaça, tentando caminhar, o vento contra, a chuva contra, a noite contra seu corpo, a vida contra, encontrar uma luz, um canto qualquer onde secar os ossos. E surge uma espelunca, você dá graças

a Deus e abre a porta – um chiado irritante que lembra sorriso. Seus olhos brilham, seu estômago dói, o cheiro de fritura, o calor do ambiente e a voz das pessoas ardem suas narinas insensibilizadas e você não para de agradecer *obrigado, meu deus*, é tudo que seu cérebro atrofiado consegue articular. Quando você pensa em abrir a boca, usar a velha chinfra de pirata perneta, umas garras entranham seu pescoço desfiando o cachecol e seu corpo gira, a porta fratura seu ombro, a chuva e o frio que você julgava passados queimam a cicatriz em seu rosto e uma pata te chuta o traseiro! Você está de novo na sarjeta ouvindo as gargalhadas do policial e seu cérebro afirma *só alguém bem nutrido pode rir assim tão alto*, e repete, e você se ouve, mais uma vez seu estômago dói, sua cabeça nos joelhos, a enxurrada desprezando o dique do seu sapato roto, *só alguém bem* é tudo que você murmura enquanto surge a baba verde e um amargo de rum sem gelo *nutrido pode* em sua boca *rir assim*.

Se pelo menos tivesse uma cervejinha aqui em casa... Tomo ou não um sal de fruta? Ou tomo outro café forte? Um médico teria coisas interessantes para dizer a respeito do meu fígado. E essa mulher que não sai do banheiro? Fico já de cueca? Não, não vou deixar assim tão fácil – ela que começou a cantada, ela que termine. E se essa coroa me secar, e se eu não aguentar Gioconda depois, e se der tudo errado?

Morreu aí dentro?

Sim. Me dá uma toalha.

Pode usar a azul.

O que eu faço com essa pianista bêbada? Daqui a pouco ela vem e eu vou ter que encarar aquela bunda imensa e aqueles peitos e vinte anos de tesão contido. Argh! Que merda, nunca achei rum puro tão ruim. Piratas e cubanos, socorro! Eu não vou conseguir nem a primeira. O que um cara esperto faria? Bah, isso é só tensão ocultando o tesão. Já fiz coisa pior e me saí melhor. Antes de Gioconda ainda tenho, no mínimo, umas cinco horas pra me recuperar, mais o guaraná, sagrado afrodisíaco tupi.

O que o senhor está bebendo?

Rum puro. Pra que essa toalha, mocinha? Mostra tudo, vai.

Gostou? Está tudo no lugar? Então vem cá, vem.

Espera, agora eu é que vou tomar um banho.

Espera nada, vem cá, gostoso, eu já esperei demais!

Sabe que você beija muito gostoso?

E você é todo gostoso...

Cê tá muito louca.

Eu SOU muito louca. Vem, meu bem.

Então lá vai!

Ai!

Eu vou te contar, Pato, mas fica só entre a gente. Acabamos a primeira, que foi suada. Ela saiu do quarto destroçada. Eu tinha conseguido um feito inédito em minha carreira de Don Juan: fiz ela gozar duas vezes antes de mim. E o melhor é que as preliminares foram longas, delicadas. Talvez por causa do rum, eu não estava com nenhuma pressa. Dá outra, Márcio!

- Acho melhor a gente parar por aqui, Silas.
- Por quê? Ainda chateada com aquilo?
- E não deveria? Foi terrível pra mim.
- Mas e o que aconteceu depois? Já esqueceu?
- Não, mas deveria. Aquela noite
- Olha, nós estamos falando bobagem. Eu
- Olha você, cara! Se pelo menos você não
- Assim não vai ser possível, eu
- Chega! Vamos
- É, chega mesmo. Eu...

Agora ela estava fora do quarto e eu não tinha pra quem fingir mais. Bicho, sentado ali na beira da cama, tentava entender o milagre. O primeiro, né, porque o segun-

do me encarava do meio das pernas, duro feito o mastro de um navio a pique, flutuando no meio dos destroços. Eu era o navio.

53

- Vamos começar de novo, com calma.
- Você está louco, só pode!
- Eu quis dizer recomeçar a conversa, com mais calma.
- Eu estou calma. Calma o bastante pra saber que não dá mais.
- Mas como você pode ter tanta certeza?
- Em cinco dias você conseguiu me dar todos os motivos.
- Mas que motivos, meu Deus?
- Quer que eu faça a lista?
- Você não vai conseguir.
- Ah é? Lá vai. Primeiro:

Enchi o peito e me deitei. Talvez fosse minha última chance de convencer o mundo de que eu valho alguma coisa. Não, eu não tô dramatizando não, Pato. Eu tinha que conseguir enganar alguém. Ela entrou no quarto de quatro. Peladona, molhada, os cabelos escorridos no rosto, os peitões apontados pro chão e aquela bunda maravilhosa, empinada. Na língua, fora da boca como a de uma cadelha sedenta, manteiga. O que eu mais admiro numa mulher é a perversão, cê sabe.

- Espera. Não
- Eu não faria nunca o que você fez. Nós
- Mas você conseguiria se fosse com você?
- Não é por aí, Silas. Mesmo que eu... o fato de você ter se descontrolado, quer dizer, eu te pedi pra não beber tanto.
- Mas eu não bebi tanto! Não foi a bebida, foi

54

“Vem, cachorrinha”. “Miau, miau”, ela fez, revelando sua verdadeira identidade. Tá rindo de quê, cara? “Vem, cadela, eu tenho meio metro de um osso duro pra você roer”. Dá um cigarro. Achei que seria justo ela conhecer minhas intenções.

- Essa é demais!
- Mas eu estava completamente morto! A gente
- A gente não, você! Eu também estava pregada, mas me cuidei, me alimentei, não bebi mais... Foi infantilidade sua.
- Assim não vai dar. Ok, foi burrice, infantilidade, o que você quiser, mas só
- Eu tentei conversar, te falei pra tomar banho, comer...
- Era o que eu mais queria: comer.
- Você está sendo infantil de novo.

Dengosa, ronronando, veio arranhando o colchão. Puxou meus pés e molhou minhas coxas com o cabelo

enquanto me lambuzava com a manteiga. Depois veio subindo, me encarando com os olhos enormes, meio vesga, as faces coradas de sol e tesão, os peitos me relando. Eu conhecia o final daquele filme, fechei os olhos pra ver melhor. Ela abandonou a posição de gatinha submissa e se jogou de qualquer jeito, me lambuzando a cara. Continuou engatinhando sobre meu corpo e parou, ainda de quatro, quando a única coisa que eu podia ver eram seus pentelhos em close. Ficou assim um pouco, naquela, rebolando devagar. Meti as unhas em sua bunda e ela ganiu longamente. Não podendo suportar seu sofrimento, resolvi amenizá-lo. O que que há, meu chapa? É o melhor da festa! Estava louca como uma loba no cio em noite de lua cheia. De repente me lembrei que aquela não seria a única trepada da noite. Vacilei. Mas a ansiedade me dominava. Mirei novamente a velha Espada Takuba, mantendo um palmo de distância do alvo. Era tudo ou nada, eu não podia mais recuar. Agora ela gania desesperada, exigia pressa. Não havia outra saída se não aquela entrada. Me joguei com tudo em cima e ela não arriou, apesar de eu ter errado um milímetro, o bastante pra que ela urrasse de dor. Não perdi a pose, continuei avançando até deslizar macio lá dentro.

- Gioconda, você está tentando diminuir a importância do que aconteceu depois.
- Calma, garoto, calma.
- Não me chama de garoto, pô!

– Tá bom, tá bom. Deixando de lado todas as bestei-
ras que você fez no carnaval, passo para o segundo motivo
e, para resumir, o último

– Vamos parar com isso...

– Ontem

– Mas eu já expliquei que não posso vir na sexta-feira!

– Ontem era sua última chance de me explicar aquele
lance com a dona paulista.

– Mas aquilo é tudo mentira do Pato! Eu estou sendo
sincero.

– Uma virtude que você deveria ter usado no domin-
go, antes de se meter com aquela

– Agora é você que está sendo infantil.

– Certo, mas eu precisava de uma prova, sei lá se é
prova o que eu quero dizer, precisava ter certeza que eu
não era só mais uma na sua vida.

– E o que rolou depois, não conta? Eu me abri todo,
como nunca fiz com ninguém. A gente tem tanta coisa em
comum...

– “Como um incomum em comum”. Quanto a se abrir,
eu me senti uma psicóloga babaca. Não faça isso! Senta
aí. Pra você está tudo bem, mas eu ainda tinha dúvidas, te
falei dos planos que fiz pra nós dois. Aliás, não devia ter
te mostrado as coisas que escrevi. Mas pra começar uma
relação... uma dúvida desse tipo é fatal. Por isso ontem
você tinha que ter vindo me explicar, me provar que aquilo
era tudo mentira.

Depois a gente conseguiu uma carona. Deixei a dona na rodoviária e fui pro baile. Gioconda estava maravilhosa, mas dela eu não vou falar não, a gente tá entrando num lance diferente, um romance firme, mais profundo.

– Mas que merda!

– Olha, cara, está tudo muito claro: só quero te ver bem longe de mim.

“Escrever é uma atividade inútil,
mas para mim ainda é a menos inútil
de todas e a que me faz continuar vivo.”

Dalton Trevisan

Posso sentir cada grão de asfalto marcando minha face esquerda. Estou de olhos fechados. A alguns metros, depois do acostamento, há vegetação rasteira, seca. É noite, mas porque há a lua cheia, tudo é visível em detalhes. O lugar é deserto. Sinto que um caminhão se aproxima. Sem me levantar, sem me mover, viro os olhos em sua direção. A estrada se alarga indefinidamente, e há uma lombada quilômetros à frente. Agora o asfalto marca meu queixo. Vejo primeiro a luz dos faróis. Ele surge aos poucos. Não sinto medo. Não há qualquer relação entre estar deitado na estrada e um imenso caminhão que se aproxima. Inteiro no quadro, fumegante, furioso, balança no topo da lombada. Ele se solta do chão. Seus cromados brilham. Só aí o pavor toma conta de mim. Tento me levantar. Não consigo. Meu corpo não obedece. A carreta está no ar, avança serpenteando em minha direção e o asfalto me machuca. Mas isso não é nada comparado ao medo. Delirando, começo a me encantar com a possibilidade de ser tocado pelos metais, pela borracha dos pneus. A sensação de vertigem domina tudo. Não há a menor chance de escapar e eu

Acordo. A mulher gorda ao meu lado tentava enfiar a cabeça pela janela. Tinha um saco de biscoito de polvilho no colo e o farelo se espalhava. O ônibus estava parado.

– O que houve?

– Ainda bem que o senhor acordou. Foi só um acidente. Dá licença que eu vou esticar as pernas.

Fomos ver. Pedaços do meu pesadelo pingando do rosto. Ainda não era meia-noite. Alguns passageiros já tinham saído. Outros, dormiam.

Havia neblina. Nem sinal da lua. Dez carros depois do ônibus, uma ponte e, atravessado nela, um caminhão de mudança tombado: móveis e eletrodomésticos na pista, caixas de papelão, brinquedos... os faróis dos carros iluminando a casa desmontada. Voltei. Acenderam a luz do restaurante do posto. Eu não conseguia dormir de novo. Resolvi beber um pouco. Começou a chuviscar.

Já tinha uns cinco caras no balcão. A cerveja estava quente e o proprietário, sonolento, ia faturar algum em cima da tragédia. Fiquei no conhaque. O bar depressa lotou. Mulheres, mães, homens, crianças, velhos. Ligou-se o fogão e a esposa surgiu. Vestia um roupão masculino sobre a camisola. Surgiram porções requentadas de fígado

e moela. Acenderam as luzes. Uma freira e sua acompanhante sentaram-se à minha mesa. Conversavam através de gestos e sorriam, pareciam felizes.

Talvez tivéssemos uma longa noite ali. Ficar só no conhaque ia ser pesado. Passei pra cerveja. Um homem de terno sentou-se conosco, viajava sozinho e queria parecer simpático. Tinha uma fábrica de materiais esportivos e medo de avião, sabia contar casos de acidentes e era solteiro. A freira traduzia para a mocinha noviça. Eu não tinha nada para contar. Busquei refrigerante para as duas. Numa mesa ao lado, dois homens falavam números.

Tive que fazer xixi depois da segunda garrafa, é inevitável. Um cara com jeito de gringo entrou logo depois de mim. Veio ficar justo do meu lado no banheiro vazio. Uma barata se debatia entre as bolas de naftalina. O sujeito mijava litros. Acabei logo e me mandei. Aquilo é uma ameaça pública.

Do balcão vi a noviça colocando meu copo de conhaque, vazio, diante da minha cadeira. A freira gesticulava, irritada. Eu não recriminaria a moça, um clima de festa pairava no ar. Uma brisa leve circulava ali dentro. Três pagodeiros cantarolavam educadamente, batucando na mesa, baixinho. Gente falava alto, gente sorria, um bebê chorava e seus pais discutiam. Quase todo mundo consumia álcool. O proprietário dava ordens ao filho, que se fazia de garçom. Se fosse eu o noviço, também beliscaria um conhaquinho pós-retiro de carnaval. A noviça se levantou, cabisbaixa. A velha acompanhou-a com um olhar bastante

severo. O industrial sorria, complacente. Em vez de voltar para a mesa, também saí. Alcancei-a perto das bombas. Sorrimos ao reparar no tamanho do engarrafamento. Se a gente tivesse falado alguma coisa teria sido algo como “O que aconteceu?” “Ela me mandou voltar pro ônibus.” “Vamos passear.” “Está bem, mas não abuse muito de mim”.

Mas não falamos nada. Apenas peguei sua mão e ela me olhou sem susto, só tristeza no rosto. E rugas, mas não parecia ter mais de trinta anos. Caminhamos lentamente até a ponte. O guincho do socorro trabalhava. Voltamos por trás do posto. Estava escuro, molhado e silencioso lá. Entramos na borracharia. Antes que eu tomasse a iniciativa de puxá-la para o primeiro beijo, ela se pôs de quatro, as mãos numa pilha de pneus. A ereção foi instantânea e dolorida. Levantei a saia. Pernas brancas e meias marrons, coxas boas, longas. Uma calcinha esquisita, grande, áspera, que fui logo abaixando. Ela se curvou e abriu mais um pouco as pernas. Surgiu a racha vermelha, úmida entre pelos negros e rentes. Pus.

Ela se levantou assustada. Me olhou com ar reprovador. Olhou para o meu pau. Gesticulou sem deixar dúvida do que queria. Eu não tinha, nunca uso. E seria demais esperar que ela tivesse alguma. Gesticulei de volta tentando acalmá-la. Abracei-a com ternura, de modo que ela não tropeçasse na calcinha. Também sem deixar dúvida, mostrei que tiraria antes, que ela não se preocupasse, estava tudo sob controle. Ela se posicionou de novo. Conseguí. Meu pau continuava 100% duro. Mandei brasa. Fechei os

olhos e vislumbrei a bruxa superior expulsando-a do convento, ela carregando uma trouxinha sobre a barrigona, as rugas e a tristeza de seu rosto estragando uma tarde de sol. Gozei dentro, um gozo longo. Naquele instante me pareceu uma preciosa colaboração para que ela se mandasse daquele convento careta. Ela se levantou e se colou em mim, de costas. Abracei todos aqueles panos com o carinho possível. Suas pernas tremiam.

– Foi só um acidente, sussurrei.

Deixei-a na porta do seu ônibus com um reverente beijo em sua mão. Ela não parecia triste nem alegre. Fui pagar minha conta. A freira e o industrial esportivo não estavam lá. Voltei para o ônibus. Assim que me sentei, ele chegou. Olhou pra mim piscando o olho. Não tentei adivinhar se ele também fora dar uma voltinha nas redondezas com a madre superiora.

E quem quer guardar essas lembranças? Bobagem. Melhor deixar pra lá. Principalmente numa madrugada daquelas.

Sai da rodoviária procurando hotel. Só achei puteiro. Sem chance. Eu queria um pouco de paz.

Entrei no Café Frei Veloso. Conseguí lugar no balcão, quase no fundo. À minha esquerda o indefectível cafetão, inchado, bonezinho branco, sapato bicolor. Inevitável, num lugar assim.

À direita, um velho silencioso.

Pedi um conhaque. Tive uma tia que tomava conhaque o dia inteiro. Quando eu ficava resfriado, me dava conhaque de alcatrão. Odiava aquilo. Quando morreu, passei a gostar, em sua homenagem.

O cafetão começou uma conversa estranha com a garçonete mais velha. Eles pareciam velhos inimigos. O velho começou a me parecer estranho. Saí.

Voltei subindo a Santos Dumont e deixei minha bagagem no Vênus, hotelzinho típico da região.

A praça da rodoviária é ridícula, toda de cimento, monumento de concreto no centro. Poucas árvores amenizam a brutalidade da ideia. Quando estava em reforma, serviu

de base para o exército numa certa repressão aos movimentos populares contra a carestia. À noite é ainda mais feia. Fazem pouso ali mendigos, loucos, putas, camelôs, travestis, crentes e índios que as luzes de mercúrio não iluminam. Passei de liso, precisava andar.

Entrei no Scotellaro. Comi um espaguete. Na mesa em frente, um cara escrevia num caderno e fumava. Os escritores roubando da vida o que ela tem de melhor para depois devolver em livros anêmicos. Continuei o passeio noturno pela Paraná. Mulheres me lembraram minha primeira visita à zona, quando um cara amarelo pediu minha identidade. Gordo, cigarro no canto da boca, fingindo tédio. Nas portas que não estavam fechadas, grupinhos de contínuos, escriturários, pedreiros, bancários e comerciários cobiçando a peça em exposição. Elas, como manequins, calcinha, às vezes camiseta, olhando revistas, nem se tocavam. Eles não tinham dinheiro para o serviço completo. Passei por uns trinta quartos. A cada um eu me deprimia mais. Zoológico.

Nunca mais passei do bar da zona. Também acreditava que se mergulhasse na veia da vida, escreveria poesia de sangue depois. Ainda não encontrei quem tenha conseguido. Alguns chegaram perto. O cara tem que trazer a coisa já de antes. E cortar o pulso diante do público, sem esperar aplausos.

Passei por uma porta sem letreiro. Subi a escada como se fosse o velho frequentador. Um velho não me barrou. Entrei na sexta porta aberta. A mesma coisa de sempre.

Os rituais não são restritos às religiões. Ela tinha um bafo horrível. Os objetos eram limpos e arrumados. Queria que eu a chamasse de “Sueli monamur”. A tristeza e o abandono estavam em seus gestos displicentes. Com os braços abertos, disse me amar. Fingia bem.

Fui pela Paraná até a Amazonas. O movimento diminuía. Vestígios de confete e serpentina na sarjeta, dejetos ainda do carnaval. Fumava sem intervalos. Comecei a ficar ansioso. Pensar no dia seguinte foi estratégia de perdedor. Tinha alguns contatos a serem conferidos. Não vale a pena antecipar a angústia. Se estava ali, teria que encarar a fera. Não havia retorno.

Perto do hotel vi o velho do Frei Veloso entrar num táxi. Tive a impressão de que o conhecia. Com a desculpa de procurar saber quem era, voltei ao bar para uma saideira.

Agora estava mais vazio. O cafetão continuava lá, pedi café. Fiquei de frente pra ele. Esperei uma chance de chamar a garçonete. O cafetão me encarava. Devia estar com o bolso vazio. Ela me contou que o velho tinha sido jogador de futebol, chegou a ser rico e famoso, mas agora, decadente, vivia pelos bares se consumindo em drogas e jogo, sustentado pela filha.

Quando me levantei, o cafetão se mexeu, inquieto. A mulher pegou meu dinheiro e olhou brava pra ele. Sai. Da calçada conferi se ele ainda ia ficar. Ficou.

O volume de sombras na esquina da Santos Dumont com Espírito Santo podia ser caixotes de frutas, sacos de lixo. Podia ser um monte de coisas, não de gente.

Era de gente.

Quanto tempo alguém pode ficar morto na calçada de uma avenida movimentada até que se tome uma providência? Claro que se o defunto não estiver caracterizado a rigor como mendigo, sua morte pode passar apenas como um mal súbito. Difícil alguém bem vestido morrer em paz à luz do dia.

Conheci um arquiteto que ficou em coma por dois dias, depois de ser esfaqueado dentro de casa. Reagiu a assalto. A luta deve ter sido longa, ele era forte. Foi encontrado na segunda de manhã pela própria mãe. O corpo ainda sangrava. A imprensa local se fartou de fotos macabras, especulações mesquinhas e depoimentos irresponsáveis.

A porta do Vênus é de vaivém. Antes de entrar, deixei sair um casal nada suspeito para aquele horário. Ela, bem passada dos quarenta, tinha o jeitão de tarimbada profissional. Ele, mais novo, pernas tortas como o Cacá, que não foi assassinado, mas também teve uma morte estúpida:

enfiou o carro sob um caminhão estacionado. E era bom motorista. Estávamos trepidando de bêbados quando nos conhecemos, e ele dirigia. Viajandão, meio zen, vivia cantando Walter Franco.

A mulher da portaria avisa que me trocou de quarto, sem explicar o motivo. Tomei um banho e liguei a TV. A cena em close não era muito explícita, peguei o filme começado. Vá alguém entender por que filme pornô me faz pensar em minha morte.

A maneira mais recorrente é ganhar uma bala perdida na cabeça. Meu corpo espatifado no chão após um voo por vinte andares. Um eu barbado com o cano de espingarda na boca. Cirrose hepática. Nu no caixão, sorrindo. Garrafões de vinho no meu velório. Música, um samba-canção na vizinhança, alheio ao evento. Antigas namoradas e amantes desesperadas, para dar um clima romântico. Depois do enterro, as pessoas dançando na rua, cantando. Que as crianças corram pelo cemitério, poetas recitem versos ao pé da cova: Flexa cantando uma letra sua, cachecol ao vento, Zé Alexandre e a mecha de cabelo sobre os óculos, Leila saltitando feito uma ninfa endiabrada, Rique dançando com o Poemanto, Byu lendo um longo e outonal Neruda, Serjão ecoando o vozeirão entre as lápides frias... Só de pensar nesses malucos em torno da minha cova, me arrependo de ter morrido. E, depois, uma cervejada no Márcio, até alta madrugada, quando alguém, copo e cigarro nas mãos, olhos fechados, de porre, pergunta: “que porra a gente tá comemorando?” E quase ninguém saberá a resposta.

O quarto estava escuro. Acendi a luz. Trinta centímetros depois do basculante, a parede do prédio vizinho. A cortina tinha peixes de todos os tipos, tamanhos e cores. Já se cozinhava lá embaixo, cheiro de gordura velha. Tomei outro banho frio e me mandei. Dois contatos eu poderia adiantar no domingo. O primeiro era um parente distante. A gente só se via uma vez por ano. Tio Fernando, já passado dos cinquenta, mexia com qualquer coisa na área de publicidade. Não éramos amigos, mas valeria tentar.

Na esquina de Bahia, tomei um café com pastel. Economizando onde desse. Da porta do Chinês, ensaiando a canta da para o tio, namorava a praça da Estação. Bonita, prédios velhos, jardins bem cuidados, fontes, esculturas e as muretas decoradas do rio Arrudas. E gente, a gente miúda da cidade grande: um velho careca, deitado no banco, saco plástico de travesseiro, a barriga brilhando ao sol; o fotógrafo lambe-lambe se abanando com o chapéu coco, a maquiagem de Carlitos escorrendo, os sapatos empoeirados, paletó e colete abertos; o garoto encardido, roupas largas, empunhando o isopor espetado por multicoloridos sacos de algodão-doce; pais com crianças pelas mãos; mendigos, pivotes, guardas, artesãos, músicos latinos, enfim, manhã de domingo.

Só na Caetés encontrei um orelhão funcionando. Quem atendeu disse que “a família está no sítio, mas volta hoje mesmo.” Não sabia que ele tinha família. Sempre vi o tio sozinho nas festas. Bom, se dependesse só dele, teria o dia livre. Um luxo a que eu não tinha direito. Era melhor fazer algum contato rapidamente, se não, ficaria sem dinheiro logo, logo.

70

A outra única ajuda possível era do Alemão.

Nunca conheci um traficante pelo nome de batismo. Claro, sempre um apelido banal. Ele era meu fornecedor nos bons tempos. Tinha dançado uma vez com metade da corja numa blitz inesquecível: a polícia teve que requisitar um ônibus pra levar todo mundo. Eu tinha acabado de fazer uma transação com ele, estava cheio de bagulho. Conversava com Militão, quando passaram por nós. Seu azar era não ter parentesco com os canas locais.

Seria o cúmulo da sorte encontrá-lo na feira de artesanato da praça da Liberdade, onde costumava fazer ponto. Subi pela Amazonas até a Afonso Pena. Retomei a Bahia às 13:13. À porta do Othon mil garotos olhavam ansiosos para o alto do prédio. Como se o chão de repente desse choque, começaram a pular. Algum desses imbecis da televisão apareceu na janela.

Não fazia a menor idéia de como vivia o Alemão. Talvez ele não pudesse me hospedar nem descolar um trampo. Mas ao menos o almoço e umas cervejas eu arrancaria dele. Se o encontrasse, claro. Meu dinheiro daria para, no máximo, uma semana, economizando tudo. Hotel, mesmo

pulgueiro feito o Vênus, só mais uma noite. Uma refeição, um lanche e um maço de cigarro por dia. O resto, só na batalha.

A três quarteirões da praça o movimento anuncia a confusão que é a feira. O trânsito é desviado, de todo canto surgem bichos-grilos chapados, camelôs e automóveis invadem as calçadas, grupos se formam para batucar nas mesas, filhos se perdem dos pais, fiscais da prefeitura procuram uma verbinha extra... Só por milagre encontraria o Alemão.

Estava no primeiro bar em que entrei.

É um tipo digno de nota: os olhos, as roupas, a voz, as mulheres em volta. Puta velha, me recebeu como se fôssemos vizinhos se encontrando pra uma peladinha. Sentei e em dois minutos já tinha copo e palito na mão. Ele, com certeza, achava que eu ia comprar alguma coisa.

Seria complicado clarear minha situação com aquela plateia. As piadinhas, os conselhos disparatados, qualquer coisa poderia me chatear. Até a notícia de que eu não fumava mais poderia chocá-lo. A irmandade tem princípios muito estranhos. Por um nada o cara te deixa na mão e nego que nunca te viu pode dar a vida por você. É melhor estar sempre com os pés no chão. Dei um jeito de sair dali com ele.

Meu caso não era nada especial. Alguém sempre sai de casa, quebra, foge, enfim, desfoca do quadro burguês. Não dei detalhes. Disse logo que precisava de lugar pra dormir até conseguir um trampo. Com a seriedade que

a situação exigia, ele me explicou que não poderia me hospedar porque estava com mulher nova dentro de casa. Quanto à grana, dava-se um jeito rapidinho. Parecia até feliz por isso. Ótimo. Quem tem sempre umas buchinhas disponíveis não se aperta.

Voltamos para o bar e no caminho recebi a dica: dois expositores da feira estavam esperando por ele, mas tinha prensa demais na praça. Daí que se eu, cara nova no pedaço, levasse a encomenda, rolava um troco. Fácil. No banheiro do bar me passou os buchas e eu fui trabalhar.

Retornei às 16:16. O movimento já tinha caído bastante. Só estavam o Alemão e uma mulher colossal, Rita, muito prazer, como vai, minha companheira, tudo bem. Passei-lhe a grana. Conferiu e me voltou cinco notas. Quase o dobro do que eu trazia de casa! Paguei uma cerveja, pra dar sorte.

Descendo pela Cristóvão Colombo. Eles tinham o resto da tarde livre. Eu só precisava ligar para o tio Fernando e comer alguma coisa. Paramos no Maletta. Um garçom velho nos serviu uma salada mista. Os cinco bares da galeria estavam quase vazios. Tomamos vinho. Eu queria comemorar na primeira refeição decente em Belo Horizonte. Um cliente do Alemão se aproximou, um tal de Pedro. Morava no décimo andar, ali mesmo, e convidou para subir. Topamos.

No elevador, fazendo planos. Conseguindo trabalho, tudo ficaria mais fácil. Salário mínimo mesmo, só para o rango e para um quartinho de pensão. Por fora, sempre poderia surgir algum. Com o Alemão, por exemplo. Mão-de-obra especializada nesse ramo não se encontra anunciando no jornal. Fazendo um ou dois servicinhos por mês, eu me garantiria fácil. Tinha ainda o tio Fernando. Se ele não descolasse um emprego, talvez pudesse ao menos me hospedar. E nos pequenos anúncios, quem sabe não descolava nada? Além da seção de empregos tem a de oportunidades. Ali sempre aparece um doido disposto a dar sua grana para um esperto feito eu, ou um otário com quem se pode fazer negócios vantajosos. Eu poderia também me anunciar, com alguns retoques: "Jovem, 1,80, olhos castanhos, físico atlético, atende a domicílio, liberal, sétim, discretíssimo". Lidar a tara das solitárias da tarde. Sexo por encomenda, o prazer pelo dinheiro. Isso poderia ser interessante, quem sabe até realizar o velho sonho de conhecer Lolita... Claro que haveria riscos. Lembrar de acrescentar "só mulheres".

Nessa altura do devaneio étílico, já no apartamento, notei que o tal Pedro estava olhando para os meus pés

descalços. Rita, ao meu lado, falando de sua passagem pela clínica. Alemão, no quarto, enrolando um baseado. A janela, atrás dele, alaranjada pelo sol se pondo. Era hora de descer até a galeria e fazer minha ligação. Falando com o tio ainda no domingo, adiantava nosso assunto pra segunda. Preparava o homem, dava tempo de pensar. Deixar para o dia seguinte era perda de tempo, e eu não queria perder. Quanto mais cedo me situasse na nova vida mais cedo esqueceria Gioconda. Portanto, pensei, enquanto calçava o sapato, vamos ao que interessa.

74

Pedro se levantou também. Perguntou se eu ia ao banheiro. Não. Então me ajuda a preparar uma caipirinha. Ia retrucar, mas ele me pegou pelo braço. A cozinha, como os outros cômodos, minúscula. O cara tinha cachaça de todo tipo sob a pia. Eu espremi os limões e ele adorou. Levei um copo pra Rita. Ele foi para o quarto. Sentei no chão. Ela deixou o sofá e veio sentar do meu lado. Tirou o copo da minha mão, enlaçou meu pescoço. E nos beijamos. De olhos abertos, reparando no movimento de suas pupilas sob as pálpebras, imaginei manchetes: “**TRAficante Mata AMANTE E POETA NO MALETTA**”. Mas não consegui afastá-la. Quando ela me soltou, peguei o copo e voltei para o sofá. E então vi o Alemão de novo, lá no quarto. Estava deitado no chão com os pés sobre a cama, queimando um charo de dragão. Pedro, ajoelhado, trabalhava com a língua nos pés dele. Meio surpreso com mais essa surpresa, olhei para Rita. Queria entender se o nosso beijo era por vingança. Ela tinha visto aquilo?

O ódio brilhava. Se continuasse com o copo na mão iria quebrá-lo entre os dedos. Ou na minha cara. Encolheu as pernas e enfiou a cabeça entre elas, tensa. Cruzou as mãos entre os cabelos, derrotada. Foi minha vez de dar atenção. Fiz uns cafunés em seus cachos, para que se acalmasse. Levantou de novo a cabeça e não chorava mais. Agora tinha um sorriso diabólico no olhar. Relaxou. Senti isso no seu ombro. Descruzou os pés e me abraçou de novo. Forçou-me a deitar no chão. Duas hipóteses: ou aquilo tudo era vingança contra os maus hábitos de seu namorado ou eu estava entrando de astro convidado num jogo de cartas marcadas. A mão dela no meu pau afastou pensamentos. Me preparei para retribuir seus carinhos e vi de novo os dois no quarto. Ambos de cueca. Comecei a pensar putaquipariu putaquipariu, como um disco arranhado. Meti a mão no meio de suas pernas e alguém rodou a chave na porta de entrada. Nos sentamos e a porta do quarto foi fechada. Um cara grande, gordo, totalmente bêbado e duas mocinhas ótimas. A de óculos carregava duas garrafas de vinho e a outra, pacotes de biscoito.

O cara se jogou a nossos pés perguntando quem éramos, cheio de afetação. As mocinhas fecharam a porta, ligaram o som, abriram um vinho e os biscoitos. O cara se chamava Adilson. Apresentou as meninas: Sandra e Giovana. Foi um pouco duro quando ela disse “pode me chamar de Giô”. Troquei a caipirinha pelo vinho. Adilson parou de fazer cena, se compôs e perguntou por Pedro, se ele estava trocando de roupa ou o quê. Rebolando com exagero, pegou na maçaneta e viu que a porta estava trancada. Que estava com problemas. As duas caíram na gargalhada. Fui para o sofá, entre elas. Rita sentou no chão. Adilson olhou pra gente. Seu rosto bonachão estava transtornado. De repente começou a bater no porta e a chutar e a gritar “abre, sua bichinha, abre logo, viado, quem está aí?” etc. As três se dobravam de rir. Eu não achei graça. Uns cinco minutos depois, finalmente Alemão abriu a porta, o rosto vermelho. Antes que dissesse qualquer coisa, Adilson o puxou pra fora. O outro casal se trancou no quarto. Calados, esperamos ouvir a continuação do escândalo. Não houve nada. Não ouvimos nada. Sandra aumentou de novo o som e começou a dançar. Com a chegada do meu patrão e rival, achei melhor dar

espaço. Giovana também entrou na dança. Rita se deitou no sofá e puxou o Alemão por cima. Pelo ímpeto, queria terminar com ele o que tinha começado comigo. Nós três olhávamos, de relance. A coisa estava quente no sofá. Sandra pediu que eu abrisse outro vinho. Na cozinha, enquanto procurava o saca-rolhas, ouvi que fechavam a porta do banheiro. Pensei “se uma está no banheiro, talvez a outra esteja disponível”.

Voltei pra sala. Rita, de olhos fechados, com certeza pensava em mim, já que era o Alemão que babava em seus pentelhos. E mais ninguém dançando. Conclusão óbvia: dancei. Nesse momento Rita gemeu e abriu os olhos. Olhou pra mim. Voltei pra cozinha e sentei na pia. Pelo menos poderia dispensar o copo.

No banheiro explodiram risos.

Nem tinha mesmo que estar ali. Sentei para planejar meus próximos passos, mas a cabeça não se fixava em nada. Totalmente bêbado. Derramei o resto de vinho na pia. Já não fazia sentido continuar naquela loucura. Aliás, não devia nem ter começado. Na minha situação...

Me vi num filme antigo, quando procurei emprego pela primeira vez, um porre estúpido como aquele. Minha mão tremia ao preencher a ficha.

Como aquela noite, no décimo andar do Maletta, sentado numa pia, garrafa já vazia na mão, um casal de traficantes trepando na sala, um casal de lésbicas se fazendo no banheiro e um casal de bichas se chupando no quarto. Se deixasse meu primeiro dia de vida nova terminar assim... Havia um jornal sobre o fogão. Arrisquei, como se ali estivesse minha segunda chance.

Abri na página de Quartos e Vagas. O quinto tijolinho me acertou. Tinha cara de arapuca, mas me pegou de jeito. Janete queria dividir seu apartamento. Nenhuma ressalva, nenhuma discriminação. Nenhum preço. Rasguei o anúncio, lavei a cara e a boca, molhei a cabeça, enfim, me recompus mais uma vez.

Deveria avisar que estava saindo? O sofá rangia suave-

mente, a agulha insistia no final do disco, o chuveiro tinha sido ligado. E mais nada.

Comprei cinco fichas, a conversa poderia ser longa.

80

Janete atendeu. Tinha voz ótima, firme. Falava muito, como se já nos conhecêssemos. Como se já morássemos juntos e eu estivesse ligando para avisar que estava levando uma pizza, que ela colocasse um vinho pra gelar. Contou que estudava psicologia, que trabalhava em um escritório de engenharia, que era socialista, que o apartamento era mobiliado e ela já tinha toda a rotina de empregada e compras, que queria dividir um lar e não apenas uma casa.

Quando Janete, a loura dos meus sonhos mais sacanas, falou o preço, quase deixei cair o fone: era muito barato morar com ela! Com apenas alguns servicinhos para o Alemão eu poderia me virar, sem ter que dar satisfação pra tio, pra tia, cuidar de sobrinho catarrento... convivendo com uma mulher fantástica como Janete! Isso sem falar na possibilidade de nos tornarmos amantes.

Mas caí quando ela disse que mais de sessenta pessoas já tinham ligado e que tinha marcado dez entrevistas só para a manhã de segunda. Rebobinei o filme antigo daquela tentativa de emprego. A sala estava cheia de homens sérios, carrancudos. Eu era o mais novo ali. Qualquer um deles se sairia melhor que eu. Confessei, quando o formu-

lário perguntou, que meu sonho era ser astronauta e, para foder de vez, menti na data de nascimento.

Mas agora a chance era boa demais para desistir tão fácil. Limpei a garganta e comecei a fazer meu autorretrato. Minha voz, menos empastada e mais grave, quase rouca. Dei um bom tom de baixo pra dizer que era funcionário público, que morava com minha família, mas já não possuía meu espaço vital naquela casa, que mesmo sabendo que aquilo não era importante ia lhe dizer que tinha um metro e oitenta, que mantinha meus cabelos curtos, que passara a infância na roça, que praticava natação, que apesar de votar na esquerda não fumava e só bebia, às vezes, em festas (“como hoje, um cabeleireiro amigo”) e, finalmente, que mantinha hábitos quase monásticos desde que terminara um noivado de sete anos.

Ela se impressionou, disse que me esperava às oito, o primeiro da fila. *Até amanhã, Silas, um beijo.*

Saí do Maletta repleto. Meu coração explodia de ansiedade. A velha sorte de sempre. Decidi dormir mais cedo. Tinha que aparentar boa saúde. Descendo a Espírito Santo, feliz como uma virgem. A São José nunca me pareceu tão bonita, solene. Seu relógio iluminado marcava dez em ponto. A lua parecia uma verruga no nariz do índio Acaíaca. Cortei a Afonso Pena pelo canteiro. Antes de chegar à esquina da Carijós, espocaram um flash por lá. E outro. E outro. Fotos na noite do quarteirão fechado da Praça Sete.

82

Dobrei a esquina e dei de cara com o lambe-lambe Carlitos, que passou por mim cambaleando, a maquiagem porcamente retocada. Fez fotos da lua e do bueiro. Gargalhou, sentou-se no meio-fio. Vi o resto de seu equipamento junto aos orelhões. O garoto, sentado ao lado, três saquinhos de algodão-doce, murchos, cabeça baixa, parecia dormir. Ou chorar. Os caras estavam na pior.

Vindo não sei de onde, um espasmo de solidariedade me atingiu. Sentei ao seu lado. Ele bateu o flash na minha cara, sem dar tempo de me defender. Filhodaputa, quase gritei, mas sorri amarelo. Ele ficou sério e se levantou com um pulo. E caiu de bunda no asfalto, rindo. Quis ajudá-lo, mas ele me empurrou.

– Senta aí, crioulo, vou fazer seu retrato.

Não gostei. Não gosto que me chamem de crioulo.

– Sorria, negão!

Definitivamente, não foi uma boa idéia me aproximar dele. Acabou a solidariedade. Disse xiiis mostrando os dentes estragados. Mirou, focou, minha boca começou a doer, afrouxei um pouco e ele bateu a foto.

Me levantei, ajeitei a camisa, peguei minhas coisas e dei o próximo passo.

– Vai me deixar sozinho aqui, ô preto viado?

Ele estava ridículo, sentado no meio da rua.

O sinal abriu. Um rio de carros avançou. Avancei sem olhar para trás.

Cada um, cada um.



**Silas,
30 do 2º
tempo**

Ali Ahmud “Walker” Júnior achava que tinha comido minha irmã.

Domingo, quase oito horas, chegando em casa depois de um ótimo dia de concerto no Parque e almoço com meu irmão, solitária sessão das cinco no cinema do shopping, Estamira, minha diarista, estava lá, panela no fogo. Faz parte do serviço dela fazer comida, mas não aos domingos.

- O que você está fazendo aqui, Estamira?

- Ah, seu Silas, lembra que eu falei que ia trazer o meu filho pra conhecer o senhor?

- Claro, mas hoje, a essa hora?

- Não, não. Nós chegamos mais cedo.

Aí eu notei que havia copos usados sobre a pia. Eu estava bem, mas senti um nó no estômago.

- E onde está seu filho, Estamira?

Então vem do quintal alguém que não poderia ser o filho dela: um homem baixo, gordo, cabelos brancos, vestindo uma túnica colorida, cara de bons amigos.

- Como vai, senhor Silas?

Eu ia melhor antes, pensei em dizer, mas menti, olhando para ela:

- Tudo bem, e o senhor?

- Este é meu companheiro, seu Silas, Ali.

Entendi que o sujeito poderia se chamar Ali, mas não resisti:

- Ali onde?

Ele respondeu, a voz ainda mais grave e serena:

- Ali Ahmud Júnior, “Walker”, como gosta de me chamar a imprensa, ao seu dispor.

88

Era um nome bem estranho, mas não foi nisso que pensei. Ao falar ele deu um passo em minha direção e se inclinou, solene.

- O menino deu sono, seu Silas, e eu deitei ele na sua cama, o senhor não se importa, né?

Claro que eu me importava, minha cama não é berçário. Mas relevei. Ali continuava me observando. Era uma dessas pessoas que tentam ver sua alma, olhos quase verdes.

- E você vai acordá-lo? Vocês estão de saída? Já está tarde, Estamira.

- Senhor Silas, o senhor deve ter notado a panela.

Sim, eu havia percebido isso. Além dos copos, uma mala e uma mochila na sala. O nó apertou um pouco.

- O que vocês estão cozinhando?

- O senhor não percebe pelo cheiro? É carne, uma excelente carne que eu trouxe para Estamira.

Era verdade, cheiro de carne cozida bem temperada e quase pronta. Como eu não percebi antes?

- Sabe o que é, seu Silas?

- Que história é essa? O que está acontecendo?

Tentei parecer indignado, o que era difícil, pois eu estava muito calmo. Aos 30 anos, com quase todas as rédeas nas mãos, pouca coisa me tirava do sério.

- O senhor não deveria interromper uma mulher dessa maneira, senhor Silas, ainda mais a minha.

89

Ele não alterou a voz, mas estava me ameaçando. Eu e o nó sabíamos disso.

- Estamira, já é tarde. Acorda o seu filho e termina de arrumar isso. Eu trabalho amanhã cedo e preciso descansar.

- Seu Silas...

- Pode deixar que eu explico, Estazinha. Senhor Silas, pensei que já estivesse claro: nós vamos dormir aqui esta noite.

E eu preocupado com minha cama parecer berçário.

- Estamira, você tem a minha confiança, trabalha pra mim há muito tempo, mas isso está passando dos limites.

- Sabe o que é, seu Silas?

- Deixa, Estazinha, deixa, eu falo melhor que você. Senhor Silas, sabe por que sou conhecido como “walker”? Porque já rodei o mundo inteiro, conheço os cinco continentes e os sete mares.

- O senhor então é um viajante?

- Em termos: na verdade, sou um fugitivo.

Não pensei em chamar a polícia, mas lembrei o número.

- E de quem o senhor foge?

- De mim mesmo, senhor Silas. Comecei minha fuga

há muitos anos, mas agora entendi que é hora de parar. Esta mulher – e pôs o braço no ombro da minha diarista – me mostrou que é tempo de começar uma nova vida.

- Entendo, mas o que minha casa tem a ver com isso?

- Não é a sua casa, senhor Silas.

Não é minha casa? Sua voz tornou-se quase maternal:

- Não.

- O que é então?

Estamira esclareceu:

- É a mulher do retrato, seu Silas.

Eu estava cansado, não muito, mas aquela situação não ajudava. Encontrar uma pessoa estranha e, pior, ter a casa invadida e ainda participar de uma conversa daquelas começava a me fazer mal. Antes de responder, tentei lembrar de qual “mulher do retrato” ela falava. Revi o quadro de cortiça da sala com as poucas fotos de amigos e escritores e o porta-retratos triplo na cabeceira da cama: meu pai e minha mãe, Julinho e um postal de Josephine Baker.

- Qual mulher, qual retrato? Do que você está falando?

- Senhor Silas, não precisa se alterar, vamos manter a calma.

Aquele sujeito estava me irritando com aquela empáfia e aquele “senhor Silas” o tempo todo. Afinal era minha casa e ele se portando como um chefe tribal africano! E ainda me pedindo para manter a calma só porque eu levantei um pouco a voz.

- Senhor Silas, a segunda mulher que amei, aquela que abriu meus olhos para a vida, com quem eu tive minha

primeira relação carnal amorosa e provocou a minha vida de fugas é sua irmã.

Ele falou isso sério, de modo a não deixar dúvida que aquela era uma declaração solene e muito importante.

- Estamira, de quem ele está falando? Pelo amor de Deus, esclarece isso de uma vez.

91

- Calma, seu Silas, Ali é um homem muito sábio, vai dar tudo certo.

Até ela me pedindo calma! Só faltava o menino aparecer reclamando: “Vamos parar com essa falação aí, senhor Silas?”

Vi que a coisa era mais grave do que meu otimismo dominical poderia prever. Puxei o banquinho e fiz cara de quem estava pronto para ouvir uma longa história:

- Então por favor, senhor Ali, pode contar a sua história.

- Eu preferiria, senhor Silas, que evitássemos a ironia para que a noite termine em paz para todos nós.

Não disse nada. Se teria que engolir sua loucura, ele que ficasse com minhas farpas.

Alguns segundos se passaram. Eu olhava para ele e ele parecia ler seu passado no chão encardido. Até que se empertigou ainda mais e começou:

- Eu nasci pobre, senhor Silas, em um meio hostil, o que fez de mim um homem carente e lutador. A vida não foi agradável, por isso minha falecida mãezinha sempre dizia: “Alberto, estuda muito pra ser alguém.” Eu obedeci e, como sempre fui inteligente, aos dezessete anos namo-

rei a moça mais bonita da escola, me apaixonei. Quando quis consumar carnalmente nosso amor, ela me desprezou dizendo que nunca iria para a cama com um “crioulo fedido”. Por isso tornei-me um ser revoltado e decidi conquistar todas as mulheres do mundo. Percebi que no meio teatral é mais fácil ter acesso a elas e em pouco tempo era requisitado para as melhores montagens da época. Não havia ator negro que encarnasse melhor um bom escravo. Viajei muito e supri meu desejo de sexo e vingança, de várias maneiras, com homens e mulheres. Até que conheci a sua irmã.

92

- O quê?

- Não me interrompa, senhor Silas, por favor. Nos apaixonamos em um navio, voltando da Europa. Durante a viagem nos amamos como loucos, trocamos até juras de amor eterno, mas ao desembarcarmos, seu marido a esperava. “Mas...”, eu tentei argumentar. “Você não acreditou que eu estava falando sério, hein, negão?” Foi a gota d’água: ali no porto mesmo a estrangulei.

As mãos de Ali Alberto tremiam, o passado estava de volta. Mas eu ainda não conseguia conectar sua desventura com “minha irmã”.

- Ali, vamos resumir.

- Já pedi para não me interromper, senhor Silas!

O sujeito começou a ficar nervoso, estava revivendo alguma coisa muito ruim e isso é péssimo numa cozinha cheia de objetos perfurocortantes.

- Muitas pessoas presenciaram a cena, mas eu conse-

gui fugir. A partir daí minha vida foi fugir, fugir e fugir e eu não quero mais viver assim. Por isso, quando Estamira me mostrou o retrato no seu quarto, entendi que precisava procurá-lo e me redimir de minha grande e máxima culpa.

Com mil pin-up girls! Por algum motivo esquizofrênico e alucinante, aquele sujeito achava que a atriz Josephine Baker era a minha irmã que ele havia comido e estrangulado há sei lá quantos anos.

- Posso falar agora, Ali?

- Sim, é para isso que estou aqui, para ouvi-lo perdoar meu crime.

Então notei que aquele negro atarracado, aquele maluco saído sei lá de onde estava começando a chorar. Fiquei constrangido, percebi que havia sentido medo o tempo todo, mas agora sentia dó do infeliz. Estamira continuava olhando extasiada para ele, outra maluca, e o menino continuava dormindo na minha cama. Eu tinha que fazer alguma coisa para acabar com aquilo. Se eu dissesse a verdade, ele poderia me condenar por, sei lá, calúnia. Preferi dar sequência à sua história, que era até interessante:

- Em nome de minha falecida mãezinha, senhor Ali, eu te perdôo e que a alma de minha doce irmãzinha descance em paz.

O homem desabou, jogou-se de joelhos e quase me derrubou ao abraçar minhas pernas, chorando e agradecendo. Estamira também o abraçou, os dois agarrados aos meus pés. E finalmente o menino apareceu: um garoto

louro com cara de sono, chupeta na boca, arrastando um cobertor pequeno:

- Mãe? O que tá acontecendo?

Ali Ahmud Júnior, o famoso “Walker”, apenas estendeu o braço para acolher o menino, que veio devagar, me encarando com medo. Os três ficaram ali amontoados uns cinco minutos. Ele murmurava umas palavras em inglês, talvez uma reza. Até que os dois se acalmaram, se levantaram e como se nada tivesse acontecido começaram a limpar a cozinha. A carne ainda no fogo baixo.

- Senhor Silas, os deuses não se esquecerão de sua compaixão. Pode ir dormir agora. Nós nos ajeitaremos na sala mesmo, não se preocupe.

Aquilo era uma ordem. Eu estava muito cansado e assustado para desobedecer. Me deitei sem escovar os dentes, sem fazer o último xixi do dia. Antes de dormir ainda ouvi Estamira dizer: “Não te falei que ele era bonzinho? Agora dorme, Mamede, eu e o seu pai tivemos um dia muito exaustivo”.



**Sillas,
velho**

Eu estava no banheiro e ouvi alguém dizendo uma frase que me pareceu muito boa. Ouvi porque tenho o péssimo hábito de não fechar a porta quando vou apenas mijar. Meu raciocínio é muito simples: se alguém olhar pra dentro do banheiro, vai me ver de costas. Nada de imoral nessa imagem. A pessoa pode até saber o que estou fazendo, mas não vai ver nada demais.

Eu moro sozinho há muitos anos, e essa é uma das manias que a gente adquire. Claro que na casa dos outros eu deveria tomar o cuidado de fechar a porta, mas eu só lembro disso depois que o jato começa a soar no vaso. Aí é tarde, e o melhor que posso fazer é tentar acelerar o processo pra terminar antes que algum curioso passe pelo corredor.

Não sei quem pronunciou a frase: havia quatro pessoas na sala e o rádio estava ligado; havia mais duas pessoas no quarto e a televisão estava ligada. E ainda ouvia pela janela os ruídos dos apartamentos vizinhos, dos carros que passavam e dos que berravam música. E mais baixo, porém mais próximo, o mijo forte no vaso: *sssshh-hhiiiiirrrrrllllllvvvvzzzz...*

Por isso, pode ser que a frase não tenha sido dita naquele momento, mas estivesse apenas ecoando na mi-

nha memória. Importa é que me marcou, fez sentido pra mim, mesmo que não muito. Ao sair do banheiro, peguei a caneta e o bloquinho perto do telefone. Meu irmão quis saber o que era:

O que é isso?

É uma frase.

E que frase é – minha cunhada perguntou –, podemos saber?

98

Eu não sei se eu ouvi agora ou mais cedo.

Então deixa a gente te ajudar – o cunhado do meu irmão falou.

É meio besta.

Mas fala logo – irritou-se a mulher dele, Inácia.

Entreguei o papel pra ela, que leu em voz alta: “Hoje é um bom dia para recomeçar e dizer às pessoas como se sente”.

Ninguém falou nada por quatro segundos. Inácia passou o papel pra Gervásio, que deu uma espiada e o passou pra Glorinha, que deu uma espiada e o passou pra Júlio, meu irmão, que deu uma espiada e o devolveu pra mim. No rádio acabou uma música e o locutor anunciou que iria começar mais um noticiário.

E aí, o que vocês acharam?

O que você quer dizer com isso, exatamente? – Inácia, que tem mania de ser meio psicóloga desde que fez um daqueles cursinhos na escola em que trabalha.

Antes que eu pudesse responder, Gervásio, que tem mania de ser engraçadinho, gargalhou: acho que Silas tá...

Enquanto alguns sorrisos amarelos se desfaziam, me sentei:

Minha coluna tá me matando hoje.

Era mentira, mas uso esse truque de vez em quando.
É útil pra evitar conversas fiadas como aquela.

Você ainda tá tomando o remédio? – quis saber meu carinhoso e paternal irmão caçula Julinho.

99
Só em último caso. Acho que vou precisar de um quando chegar em casa.

Minha gentil cunhada Glorinha ofereceu:

Por que você não dorme aqui? Já é tarde.

Obrigado, querida, mas eu quero dormir em casa.

Gabriel veio do quarto com cara de sono: vão bora, mãe?

Já, já, meu filho. Cadê seu primo?

Serginho dormiu faz um tempão.

Ai, Deus, resmungou Glorinha. – E se levantou pra ir cuidar do meu Campeão. Da sala ouvíamos sua voz: “Levanta, meu filho, vem escovar dente, vem”.

A saideira – propôs Gervásio.

Pra mim chega – eu avisei.

Julinho, que não é de enjeitar uma gelada, foi buscar.

E então, Silas, o que você acha que significa pra você aquela frase?

Que frase? – quis saber o curioso Gabriel.

Como é mesmo, Silas? Aqui: “Hoje é um bom dia para recomeçar e dizer às pessoas como se sente”.

Ah! Eu conheço isso!

Pronto, pensei irritado, acabou o encanto da minha

história. Eu achando que teria algo com que me distrair até chegar em casa, buscando a origem e o significado oculto da frase (como queria Inácia) e agora vem Biel dizer que leu a frase no seu livro de escola.

E de onde você conhece isso, filhinho? – Inácia, sorrindo por dentro de modo tão escancarado que dava pra ver os dentes brilhando.

Julinho voltou com a cerveja e amendoins verdes.

É daquele desenho japonês que passa antes do almoço.

Inácia riu com tanto gosto que deu pra ver suas amigdalas; Glorinha veio do quarto de Serginho fazendo psiu mas já também esboçando um sorriso; Gervásio, claro, acompanhou a mulher; Julinho também sorriu, mas pouco.

Desenho animado? Cá-cá-cá-cá – cacarejou Gervásio.

Quer dizer que o senhor, um homem aposentado, celibatário e mui respeitado gosta de ver desenho animado? – emendou Inácia.

O que foi? – minha solidária cunhada, olhando pra mim.

Julinho:

Aquela frase que o Silas lembrou é de um desenho animado e o povo tá morrendo de rir.

Minha carinhosa cunhada me abraçou, meio sem jeito porque eu estava refestelado no sofá:

Que meigo, meu cunhadinho gosta de desenho animado?

Não me senti obrigado a responder. Deixei que eles rissem mais um pouco, afinal a noite tinha sido meio sem

graça, e se a alegria dependia de tirarem uma comigo, tudo bem. Sei como são essas coisas.

Quando um silêncio impôs o fim das risadinhas, ouvimos, como se fosse ensaiado, o locutor do rádio anunciar que a partir de zero hora ônibus e metrô entrariam em greve. Automaticamente olhamos nossos relógios: quase meia-noite.

É, cunhado, acho que você vai ter que dormir aqui...

Eu queria tanto ir pra casa hoje...

Gervásio, tentando se redimir da gozação: então eu te levo lá!

Inácia fez cara de quem não gostou muito da idéia, mas não tinha o que fazer pra mudar o rumo das coisas.

Eu te agradeço muito, Gervásio, e em sua homenagem vou acompanhar-vos nessa saideira.

Gabriel dormindo no meu colo, um anjo. Gervásio dormindo no banco da frente. Inácia dirigindo. Sóbria, e falando, como sempre:

Você não sabia mesmo que a frase era de um desenho animado? Eu duvido. Você é sempre tão consciente, tão sóbrio, o doutor-sabe-tudo...

Nem tanto, Inácia. Há coisas do inconsciente

Você quer dizer do subconsciente.

Que seja, quem entende dessas bobagens é você.

Bobagem, Silas, bobagem?

Ela se irrita fácil, e fica tão graciosa: a voz se eleva uma oitava, mas ela tentou olhar pra trás. Isso nunca é bom, ainda mais às três da madrugada, depois de uma longa noite de bebida.

Deixa pra lá. Afinal, por que essa frase te incomodou?

Mas quem disse que me incomodou? Eu só

Se não incomodou, por que você fez questão de anotar? 102

E eu sei? Veio na cabeça enquanto eu mijava.

Na cabeça... mijando... pênis...

Inácia é boa pra fazer associações. O curso de esquisoanálise fez muito bem pra ela.

Pois então, você veja, minha querida: uma frase de desenho animado, quem diria. O que você acha que significa?

Segundo Gervásio, você está querendo mudar alguma coisa fundamental em sua vida.

O que seria? Você acha que eu preciso mudar alguma coisa fundamental?

Talvez eu tenha abaixado demais a voz: Gervásio jogou a cabeça pra frente, pôs a mão na maçaneta e grunhiu:

Para essa merda que eu vou vomitar.

Mais pelo susto que por obediência, a diligente Inácia encostou. Já estávamos perto de casa. Meu bairro é calmo, dá até medo, pra quem não conhece. Ninguém na rua, frio, sombras de árvores. Ele abriu a porta e se curvou pra fora, mas não conseguiu.

Merda!

Eu acomodei Gabriel no banco e fui ajudar o bebum.

Levei-o até a calçada, pus a mão em sua testa e nada. Ele não ia vomitar tão cedo.

Pôtaquipariu...

Voltei com ele pro carro. Apagou de novo. Biel dormia. Inácia nos esperava encostada na porta:

Ainda bem que você não bebe tanto.

103

Ele continua bebendo todo dia?

Entramos no carro e ela dirigiu calada até a porta de casa.

Quer entrar?

Como, seu bobo? E deixar os dois dormindo aqui fora?

Eu sei, claro, estava só brincando.

Mas ela saiu de novo e me abraçou:

Hoje não, querido, hoje não dá. E me beijou o pescoço.

As coisas continuam daquele jeito?

Ela não respondeu. Apertou o abraço colando-se no meu corpo. Eu sabia que isso não iria acabar tão cedo. Gervásio estava desprezando uma mulher maravilhosa. Ao menos pra mim.

Me liga o dia que estiver bem pra você.

Tá bom, tá bom, agora preciso ir.

Gabriel tinha acordado, estava com o rostinho colado no vidro da janela. Abri meu portão e esperei que ela desse a partida.

É, Gabriel, seu papai não está nada bem.

Deixa Gabriel dormir aqui, amanhã eu vou levar o Ser-ginho no Parque, tem concerto, vai ser legal.

Não sei se ele gosta de música clássica.

Claro que gosta, Gervásio! Por mim tudo bem, Júlio.

Inácia estava querendo ficar sozinha com o marido, dava pra ver só de olhar o modo como ela apertava a mão dele.

Mas ele fica ouvindo aquela coisa barulhenta o dia inteiro.

Gervásio ainda chama rock de “aquela coisa barulhenta”.

Deixa, Gervásio, Júlio leva ele depois na sua casa. E os meninos precisam ouvir coisas diferentes.

Glorinha chama música clássica de “coisas diferentes”. E eu comecei a gostar do domingo:

Já que eu vou dormir aqui, amanhã nós poderíamos almoçar juntos, posso fazer macarronada.

Boa ideia, Silas! E eu trago um frango da padaria!

Gervásio já se animava, pensando em continuar a cervejada no dia seguinte. E eu já me acostumava com a ideia de passar o dia fora de casa. E ainda ter a chance de cozinhar pros outros. Hum, macarronada de domingo é coisa muito boa, e com meu irmão querido, e minha cunhada querida, e as crianças, e Inácia.

Combinado! A gente volta amanhã. Meio dia? Eu tra-
go um frango e uma cerveja.

Júlio: um frango, uma cerveja... Pão-duragem, rapaz!

Eu faço a macarronada enquanto a família vai passear
no Parque.

Então amanhã a gente continua.

Gabriel e Serginho voltaram pro quarto, fecharam a
porta e ligaram a televisão. Julinho foi lá e desligou:

Hora de dormir, meninos, amanhã nós vamos acordar
cedo.

Boa noite, Silas. – E me beijou o rosto. Nós nos bei-
jamos desde a infância. Ele é um irmão muito querido,
não só por ser o único e caçula, mas por ser quem é: um
homem simples, honesto, trabalhador, de paz. Não posso
dizer que o criei, mas desde que nossos pais morreram, eu
me tornei uma referência forte pra ele. Apesar de não ter
as suas qualidades, especialmente as morais. – Você não
vem, amor?

Glorinha disse que ia arrumar a cozinha antes.

Vou te ajudar, querida – me prontifiquei.

Enquanto ela dava jeito na pia, eu recolhi garrafas,
pratos, palitos.

Quer que vá enxugando?

Não, eu prefiro deixar escorrer. Silas, o que quer dizer
aquilo de “recomeçar”?

Não faço a menor idéia. Será que essa frase é mesmo de um desenho animado?

Mas não é isso que interessa. Você não pensou que ela pode ter algum sentido oculto, sei lá, que pode ser hora de você mudar sua vida?

Puxa vida, você tá falando igual Inácia.

Deixa Inácia pra lá, eu quero saber é de você.

106

Mas o que eu teria pra mudar agora, nessa altura do campeonato?

Você é que tem de saber, a frase é sua.

Ela faz questão de usar “tem de”, nunca “tem que”.

Bom, a frase não é minha, mas tudo bem.

Por exemplo: há quanto tempo você não tem uma namorada?

Puxa vida, eu pensei, por que as pessoas que me amam se preocupam tanto com minha vida sexual? E notei como Glorinha fica gostosa com aquele vestido fininho, como seus peitos ainda estão firmes, suas canelas grossas...

Sei lá!

A última mulher que você teve foi aquela, como chama, Dirce?

Dirce é uma antiga colega de trabalho. Antes de me aposentarem, tivemos uns encontros, as pessoas pensaram que era um romance de terceira idade. Sim, Gervásio gostava de falar isso. Na verdade fomos ao motel uma vez, foi péssimo, nenhum dos dois queria fazer sexo, foi uma situação forçada, constrangedora. Acho que só por isso ficamos amigos, um com pena do outro. Ou com medo de

que o outro saísse por aí dando detalhes. No fim, uma amizade que durou pouco e não deixou qualquer lembrança agradável.

Aquilo não foi importante, Glorinha, uma amizade colorida, como se dizia na época.

Já que você não quer conversar direito, vou fechar o boteco.

Ela arrumou tudo, foi à sala checar se faltava alguma coisa, apagou a luz e voltou pra se despedir.

Vamos dormir, Silas?

Juntinhos, nós três?

Seu bobo! – E me deu um leve beijo nos lábios.

Voltei ao banheiro pela milésima vez aquela noite. O remédio que tomo pra alergia me dá esse colateral desagradável. Escovei os dentes enquanto ouvia minha cunhada arrumando o sofá pra mim. Deixei que ela fechasse a porta do seu quarto antes de sair.

Acendi o abajur e folheei uma revista até vir o sono. Sonhei com ela, coisas que não ficaria bem contar.

Então pega a mochilinha do Gabriel lá no carro, Gervásio.

Ah, meu bem, deixa eu acabar essa cerveja.

Ele nunca faz as coisas na primeira vez que Inácia pede. Precisa mostrar que quem manda é ele. Um ranço machista antigo, do tempo em que eles estiveram separados. Ela o aceitou de volta, ele abaixou a crista, mas ainda tem dessas coisas porque sabe que nós sabemos que ele não apita nada.

Vê se não demora, eu quero descansar.

Calma, meu bem. O Silas me acompanha, não é, Silas?

Você não dá conta de trazer a mochila sozinho? Eu posso ir lá, me dá a chave aí.

Não, não, nós dois vamos lá, aproveitamos pra falar mal das mulheres.

Gervásio. Não é de todo ruim, mas tem dessas coisas. É claro que ele não queria falar mal de ninguém, mas alguma coisa estranha estava acontecendo.

Quem vai falar mal de mim? Júlio, me defende!

Eu? Mas ele não fez nada, amor!

Julinho, a paz em pessoa. Não se move sem motivo, não se irrita por nada e, o que é melhor, nesses quarenta anos, nunca ouvi ele falar mal de ninguém.

Gervásio parece irritado. Vira o que resta no copo, se levanta e me intima:

Vamos lá, Silas, essa rua é muito deserta e você vai ser meu guarda-costas, anda.

109

Ele aperta o último andar.

Nós vamos passear de elevador, Gervásio?

Ele não responde, me olha com um sorriso irônico. Ou melhor, sorri com uma tentativa de ironia. É idiota demais pra conseguir ser irônico. Eu sustento seu olhar por apenas três segundos. Provocar bêbados mais fortes, dentro de um elevador, pode ser perigoso. Olho pra fora do nono andar, ele aperta o T e iniciamos a descida. Olho pra ele de esguelha: está com os olhos abertos, mas não vê nada. De repente estica o braço e aperta todos os botões. Eu não me manifesto, deixo passar, como se fosse normal. No segundo, quando a porta se abriu, vimos um casal se amassando no corredor, bem diante de nós. Era o morador do 504, amigo de Glória. Seu parceiro estava de costas.

Enquanto atravessávamos o hall, Gervásio pôs a mão no meu ombro. Parei. Ele não disse nada, não me olhou e apenas me empurrou, pra que eu continuasse.

Medo? Não. Gervásio é muito burro pra conseguir me atingir, apesar de saber que minha coluna é podre.

Encosto no carro, ele pega a mochila, bate o porta-malas com força e aí sim, me encara com raiva:

Vamos ter uma conversinha, velho.

Algumas pessoas acham que me ofendem assim. Necas. Apesar do cabelo grisalho, das rugas, de andar meio torto por causa da coluna que antecipou minha aposentadoria, não tenho 50 anos. E bem vividos, muito bem vividos.

Não é melhor a gente entrar? Tá frio pra caralho.

110

Não, não vamos entrar não. Aqui na marquise tá bom demais.

Então fala, Gervásio, o que tá pegando?

Até parece que você não sabe...

Eu sendo paciente e ele ainda tentando ser sarcástico...

Não sei mesmo. Se você não disser, a coisa vai ficar esquisita.

Então eu vou direto ao assunto (quase gritando, aquela histeria de bêbado): você anda saindo com a minha mulher, seu fidaputa?

Ah, Gervásio, vá te foder! Eu achando que é coisa séria!

E minha mulher não é séria, não, seu viado?

Ele ainda tenta me ofender.

Calma, claro que é, eu adoro a Inácia

Adora, é?

E fez um gesto como se fosse me dar um tapa. Não gostei disso, nem um pouco.

Modo de dizer, Gervásio, fica calmo, vamos subir, relaxa. De onde você tirou essa ideia?

Ela que me contou que almoçou com você outro dia!
(Fofoqueira!)

É verdade, nós nos encontramos por acaso no Centro,
era hora do almoço, ela ia almoçar, eu ia almoçar, almoça-
mos juntos, só isso, cara. O que tem de mais?

Foi só isso mesmo?

111

Aí eu cresci pra cima dele:

Claro, porra, pra que eu mentiria pra você?

Tá certo, tá certo. Mas se você se engráçar pra cima da
minha mulher, você tá fudido, cara, tá fudido!

Ok, Gervásio. Agora podemos subir?

Apertei o 7. Íamos em silêncio. E continuamos assim,
mesmo depois que eu apertei o 5: antes que ele tivesse
tempo de se virar, dei-lhe um soco na altura dos rins, meio
de lado. Isso dói muito, muito mesmo. Ele se curvou, sem
fôlego. Puxei seu colarinho e deixei que voltasse a respirar:

Um almoço, entendeu, Gervásio? Foi só um almoço.

Nós entramos justo na hora em que o rádio anuncia-va uma greve de metrô e ônibus a partir da meia-noite. Automaticamente, cada um conferiu as horas em seu relô-gio. 11h48, no meu.

Que cara é essa, meu bem? Você está passando mal?

Não foi nada – eu me antecipei – Gervásio bebeu um pouco demais, parece.

É, é isso mesmo. Acho que foi o amendoim.

Inácia estava inquieta, mas sorriu amarelo da piada. E olhou pra mim, interrogativa.

Fique tranquila, eu já dei uma pastilha pra ele. Num minuto ele se recupera, não é, Gervásio?

Disse isso enquanto lhe dava um tapa nas costas. Ningüém percebeu o peso que eu pus na mão. Julinho não se dava conta de nada, entretido em fatiar um toco de salaminho. Glorinha veio da cozinha:

Você ouviu, Silas? Acho melhor dormir aqui. O táxi até sua casa fica muito caro.

Benditas greves, pensei.

Mas se ele quiser nós podemos lhe dar uma carona, não é meu bem?

Maldita Inácia. Nem precisei olhar pra cara de Gervásio pra saber que ele estava branco.

Ah, não, meu bem, tá tarde, eu tô cansado...
Deixa, Inácia, eu durmo aqui mesmo, no sofá, não tem problema.

Falei isso com a voz mais vítima que tenho e nem precisei olhar pra sentir o ódio fervendo em Gervásio.

Mas o Gabriel fica, né, meu bem? Amanhã nós vamos no concerto.

Nem precisaria olhar pra ver o espanto nos olhos dele, mas olhei, fiz questão de exibir-lhe um microsorriso, de modo que só ele visse. E ele viu, e o espanto se transformou em terror. Em sua mente doentia negava-se a imaginar o que poderia acontecer se eu e seu filho dormíssemos sob o mesmo teto aquela noite.

Desesperado: claro, claro, ele vai dormir com o Serginho, não é, Júlio?

Julinho suspirou e disse que “claro, está tudo certo, amanhã a gente sevê”, e deu um óbvio bocejo de despedida. Inácia entendeu logo, graças aos seus conhecimentos profundos de psicologia: pegou a bolsa, beijou o rosto de Júlio (e para isso curvou-se, exibindo a calça de linho recheada por sua enorme bunda branca, que eu fiz questão de olhar ostensivamente), gritou “até manhã, Glorinha” e foi ao quarto dar beijinhos nas crianças. Ao passar por mim, soltou um boa-noite formal, sem me olhar, e enlaçou o braço do marido.

Ótimo.

Quer ajuda aí, cunhada?

Pode deixar, Silas, falta pouca coisa.

Saideira? – Julinho me puxando intimidades.

Será?

Bom, eu vou tomar uma.

Ah, tá bom, eu te ajudo.

Esta é aquela hora em que os irmãos falam em voz baixa olhando a ponta dos próprios sapatos enquanto lembram histórias da família. Alguma força sobrenatural diminuiu a luz, desligou o rádio, os ruídos da cozinha cessaram e apenas nos ouvíamos entre longos intervalos:

Um sujeito lá na firma também está com Alzheimer.

É mesmo? Coisa triste...

E sua coluna, nunca mais doeu?

De vez em quando, mas sob controle.

E na sua casa, tudo certo?

Minha casa... Naquele momento me dei conta de que meu irmão não vem aqui no barraco há meses. Mas, também, fica longe, e eu não faço questão de receber visita. Gosto de ficar sozinho com minhas coisas.

Tudo certo, apesar do aluguel que aumentou este mês.

Muito?

Nada, não fez nem cosquinha.

O que deu no Gervásio? Ele passou mal na hora que vocês desceram?

Sempre preocupado com os outros, meu irmãozinho.

Não, acho que deve ter sido mesmo o amendoim. Ele bebe demais, né, Júlio?

É. Não sei como Inácia aguenta.

Uma hora ela larga ele.

Ele me olhou surpreso:

Por que você tá falando isso? Está acontecendo alguma coisa? Você sabe de alguma...

Falei por falar, Júlio. Mas a verdade é que ninguém suporta um sujeito que bebe tanto, né?

E parece que ele bebe todo dia.

É, eu fico pensando no Biel...

Lembra do tio Mário?

Bem lembrado. Aquele foi um que perdeu o rumo por causa da cachaça. Tia largou ele porque...

Não, não! Tia se separou antes.

Será que ele enveredou na cana por causa dela?

Vai saber. Acaba com esse amendoim aí.

E ficar que nem Gervásio? Não, obrigado.

A voz sonolenta de Glorinha (senti o hálito do dentífrico de menta) reacendeu a luz e a música:

Boa noite, meninos.

Eu fiquei ouvindo o roçar da camisola em suas coxas enquanto caminhava pro quarto.

Boa noite, querida, eu vou assim que arrumar o sofá.

Não precisa, Júlio, é só trazer uma coberta, tá bom assim.

E aquela coisa de recomeçar a dizer às pessoas como se sente?

Por que você lembrou disso agora?

Sei lá. Acho que estou feliz, só isso.

Feliz com o quê?

Ah, Glorinha, as crianças, você...

O Serginho tá uma graça, hein, Júlio?

É mesmo, o seu Campeão, Silas.

Também com o pai que tem!

Ah, tá! Puxou foi a mãe. E o tio...

Se o Campeão tivesse herdado um farelo dos meus genes não seria um menino tão bonito e bonzinho. O que salva é o caráter do pai e a beleza da mãe.

Eu sei, Silas. Mas se não fosse você...

Vamos dormir, irmãozinho? Descansa, porque o domingo vai ser cheio. E a frase certa é: hoje é um bom dia para recomeçar e dizer às pessoas como se sente.



Um homem comum

Francisco de Moraes Mendes ()*

Os textos reunidos neste volume, mais que flagrantes da vida do personagem Silas, revelam as opções ou, numa dicção mais dramática, as obsessões do escritor Sérgio Fantini. Sem a pretensão de hierarquizá-las, a primeira é a escrita; a segunda, um modo de olhar; a terceira, o que esse olhar recorta da realidade.

É uma escrita enxuta. Sem enfeites. Retira sua força da oralidade – obviamente lapidada. Fantini conhece a lição dos modernistas e seus laços de origem o vinculam à poesia marginal da década de 1970: entre 1979 e 1985, publicou sete livros de poemas em edições artesanais. Ao experimentar a prosa, a partir de 1985, já trazia as lições de concisão daquele verso curtíssimo, do falar pelo silêncio. A opção por um realismo quase naturalista o levava ao terreno da fricção do texto com o real, território de escritores do porte de um Rubem Fonseca.

Para chegar a este passo, antes do prosador está o leitor voraz, dedicado, atento. Vá lá alguém querer saber todo o repertório de leituras que forma um autor. E que escritor se forma tendo como referência, para ficar apenas com os mineiros, os contos de Wander Piroli, Murilo Rubião, Roniwalter Jatobá, Luiz Vilela, Jaime Prado Gouvêa, Sérgio Sant’Anna.

Fantini dialoga, explicitamente, com esta geração surgiда nos anos 1970, e também com os de sua geração, como Luiz Roberto Guedes, Marçal Aquino, Marcelo Carneiro da Cunha, Luís Giffoni, Antônio Barreto, Jeter Neves e tantos outros.

Mas entre todos aqueles prosadores que, pela qualidade que imprimiram ao conto brasileiro deixaram o terreno minado para quem viesse a seguir, podem ser apontados três com os quais se afinam o texto e a temática de Sérgio Fantini. São mestres da frase curta, o que já seria o bastante para aproxima-los. Cada um o marcou com uma característica: João Antônio, o ritmo do texto; Dalton Trevisan, o gosto pela elipse; Wander Piroli, o lirismo seco. Seu universo temático brota dos mesmos redutos desses autores: a rua, a casa, o bar.

A opção por essa escrita vincula-se a um modo de olhar, que registra o que vê sem intervir com reflexões e análises. Quando se age assim, o que se compartilha é a matéria em estado bruto, que sofrerá, naturalmente, a intervenção da linguagem, sem a qual não há literatura. A linguagem é modulada de modo a preservar a densidade da cena, mirando-a no campo do visível, sem procurar motivações interiores ou abstratas. Expondo dessa forma sua matéria, deixa áreas de silêncio para o leitor.

Por aí se delineia o recorte que o olhar faz da realidade. No caso de Fantini, o olhar desvia-se dos grandes embates para se deter nas miudezas do cotidiano. Deixa passar o de gravata e repara no sem gravata. Deixa passar

os que correm pingando suor e saúde, para mirar no caído a um canto. Se aparentemente nada têm a ver uns com os outros, onde não vemos qualquer ligação, aquele olharvê o atrito desses corpos, denuncia a convivência áspera.

A cidade é o vasto território de todas as diferenças, que ali estão amplificadas, e o olhar vai buscar a síntese de tudo isso numa pequena cena, na rua ou em casa. É a tensão e o atrito que irão configurar a dimensão dramática da escrita. E o olhar não encontra sossego. Coloca-se ao lado do sujeito desajustado, sem lugar, sem nada de excepcional. Apenas um homem comum.

Silas é a expressão desse sujeito sem lugar. Já no primeiro conto deste livro, ele simplesmente não está. É a mãe que, a pretexto de enviar textos dele para um concurso literário, compõe um perfil do filho. O menino que ficava quieto no canto, sem incomodar ninguém, que não tinha amigos, responde a uma reprimenda à mesa do almoço com um arroto de chocar o padrinho. Sem incomodar ninguém, sai de casa sem deixar rastros; segundo a mãe, por causa de uma mulher.

O coração de mãe não se engana, o filho não bebe, ao contrário do pai; mas é no bar, onde bate ponto todo dia, que ele se encontra na segunda história, “típico barnabé provinciano (...) empreguinho frouxo no setor de obras da prefeitura”. Seus interlocutores são o homem atrás do balcão, a moça oxigenada e o poeta do lugarejo sem futuro. Ao final, não se dá conta do tamanho do desastre, a menos que se creia no título do conto, deixando de lado a ironia, outra linha de força da prosa de Fantini.

Em *Diz Xis*, o desastre que não acontece, o pesadelo do caminhão, vai se contrapor aos outros pequenos desastres, como o desencontro amoroso e a uma galeria de desajustados – pequenos traficantes, os amantes do Maletta, o fotógrafo de rua com a maquiagem de Carlitos escorrendo. Silas assinala que sua condição de modo algum o destaca, a não ser como a tantos outros que destoam dos padrões de conduta social: “Meu caso não era nada especial. Alguém sempre sai de casa, quebra, foge, enfim, desfoca do quadro burguês. Não dei detalhes. Disse logo que precisava de lugar pra dormir até conseguir um trampo.”

124

Se o mundo da rua é o cenário onde se recolhe a dura matéria da vida, no espaço doméstico a situação não é diferente. Em *Silas, 30 do 2º tempo*, a tensão é mitigada pelo viés cômico que resulta da incursão de Ali “Walker” não na casa propriamente, mas numa fotografia. Em *Silas, velho*, a típica cena familiar guarda as ressonâncias do mundo da rua, com o roçar de corpos se tornando atrito, com o teor alcoólico subindo, até que a foto treme à sutil insinuação de um adultério.

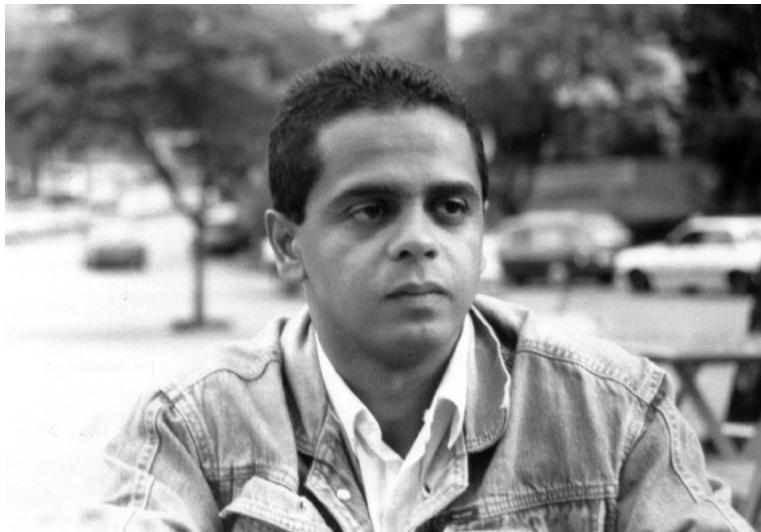
Por essas histórias, produzidas ao longo de vinte e cinco anos, percebe-se o trabalho paciente e persistente do escritor em busca desse homem comum, qualquer um, cada um. O nome bacana disso é work in progress. É o Sérgio Fantini afinando, como aquele personagem de João Antônio, sua arte de chutar tampinhas.

PS.: Às margens do texto, nas epígrafes, Fantini dá ao leitor pistas dos pilares que sustentam sua obra. Note-se a contundência da citação de Ricardo Piglia que abre este volume. Trata-se de conformar vida à escrita, numa opção radical de viver para escrever. Esta citação faz eco àquela de Dalton Trevisan, que abre a segunda parte de *Diz Xis*: “Escrever é uma atividade inútil, mas para mim ainda é a menos inútil de todas e a que me faz continuar vivo.”

Na epígrafe de *A ponto de explodir*, é de Lima Barreto a voz que circunscreve a temática de Fantini: “– Não; absolutamente não. Os indivíduos me enterneçem; isto é, o ente isolado a sofrer; e é só. Essas criações abstratas, classes, povos, raças, não me tocam...”

Num conto desse livro, Seu Deus não é o meu, uma observação do narrador -- que remete à citação de Lima Barreto – bem poderia figurar como conclusão das intenções da literatura de Sérgio Fantini: “Mas também não estou preocupado com As Grandes Verdades ou O Destino da Humanidade. Minha atenção está nos vizinhos, no meu bairro. Sou um deles, parte deste mundinho. Pode ser pequeno, mas é o único que tenho. Ele precisa de mim para existir e eu preciso dele para ser o que sou.”

(*) O escritor Francisco de Moraes Mendes apresentou a primeira edição de *Diz Xis*, em 1991.



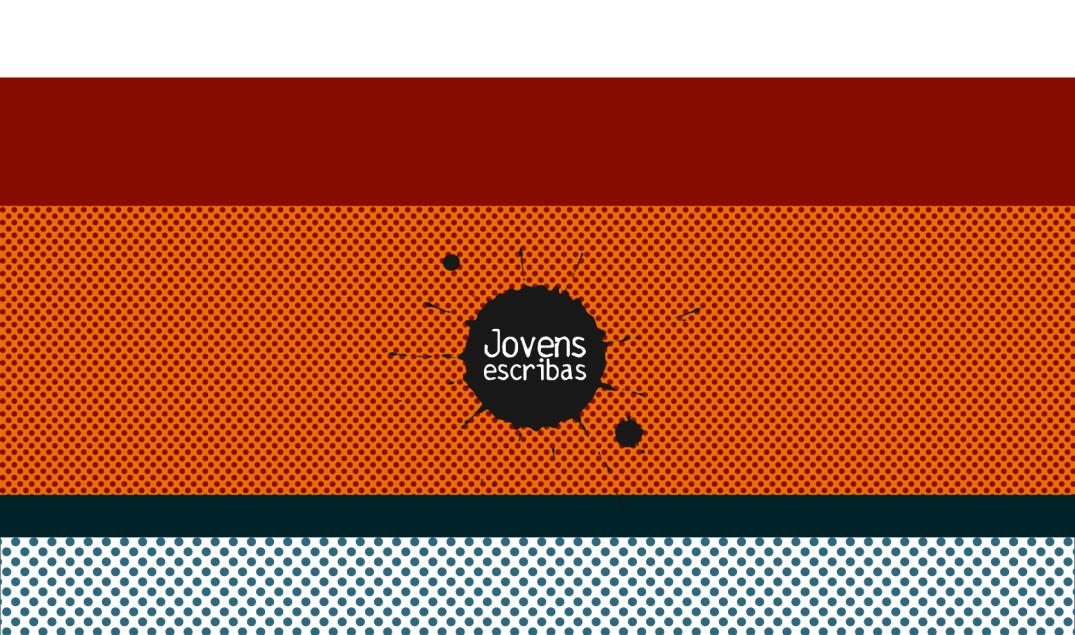
Sérgio Fantini nasceu em Belo Horizonte, onde reside.

A partir de 1976, publicou zines e livros de poemas; realizou shows, exposições, recitais e performances.

Tem textos nas seguintes antologias: *Revista Literária da UFMG*, *Novos Contistas Mineiros* (Mercado Aberto), *Contos Jovens* (Brasiliense), *Belo Horizonte, a Cidade Escrita* (ALMG/UFMG), *Temporada de Poesia/Salto de Tigre* (PBH), *Miniantologia da mini-poesia brasileira* (PorOra), *Geração 90, Manuscritos de Computador* (Boitempo), *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século* (Ateliê), *Contos Cruéis* (Geração), *Quartas histórias, contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa* (Garamond), *Cenas da favela – as melhores histórias da periferia brasileira* (Geração/Ediouro), *35 maneiras de chegar a lugar nenhum* (Bertrand Brasil), *Capitu mandou flores – contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte* (Geração), *Pitanga* (Lisboa, Portugal) e *90-00 – cuentos brasileños contemporáneos* (Ediciones Copé, Peru).

Publicou os livros *Diz Xis, Cada Um Cada Um, Materiaes* (Dusbolso), *Coleta Seletiva* (Ciência do Acidente), *A ponto de explodir e Camping Pop* (Yiyi Jambo, Paraguai).

Este livro foi composto
em tipologia Rotis Semi Serif,
corpo 12/18 em papel pôlen bold 90g/m²,
e impresso na Gráfica RN Econômico,
Natal/RN, em abril de 2011
para o selo Jovens Escribas.



Jovens
escribas

O MIMEÓGRAFO ARREPENDIDO

Sérgio Fantini é fruto tardio do bando de galhofeiros que, na década de 1970, atacou com sua controvertida papelada a bastilha da poesia brasileira, dividida na época em dois batalhões furiosos: de um lado, vanguarda radical; do outro, conservadorismo irredutível. Não havia meio termo, até que a marginália decidiu jogar tudo pro alto e atacar com seus poemas de fôlego curto e humor grosso, impressos em gráficas de subúrbio.

Vindo depois do vendaval experimental, SF chupou a laranja e jogou fora o bagaço, ficando com o sumo, que usou nos poemas e na prosa. Manteve a princípio o gosto pela edição tosca em sua ótima literatura, até *Materiaes*, quando pulou de vez a cerca. Daí em diante não foi mais um jovem-promissor-herdeiro da geração mimeógrafo. Já era irmão de sangue dos que subiram o morro da melhor literatura da geração, muito além do precário e do rústico.

Silas é isto, e é muito bom, pelo menos pra quem não se importa de ver a vida pelo avesso, ou quase. [Sebastião Nunes]

ISBN 978-85-64380-02-8

